



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LUIZA GABRIELA RAZÊRA DE SOUZA

**QUEM CALCULAVA?**  
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA RELAÇÃO MULHER-  
MATEMÁTICA NA OBRA *O HOMEM QUE CALCULAVA* DE  
MALBA TAHAN

LUIZA GABRIELA RAZÊRA DE SOUZA

**QUEM CALCULAVA?**  
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA RELAÇÃO MULHER-  
MATEMÁTICA NA OBRA *O HOMEM QUE CALCULAVA* DE  
MALBA TAHAN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira

Londrina  
2013

LUIZA GABRIELA RAZÊRA DE SOUZA

**QUEM CALCULAVA?**  
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA RELAÇÃO MULHER-  
MATEMÁTICA NA OBRA *O HOMEM QUE CALCULAVA* DE MALBA  
TAHAN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Cristina de Costa Trindade  
Cyrino  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Marcos Alexandre Gomes Nalli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 12 de agosto de 2013.

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

S729q Souza, Luiza Gabriela Razêra de.  
Quem calculava? : representações de gênero na relação mulher-matemática na obra *O homem que calculava* de Malba Tahan / Luiza Gabriela Razêra de Souza. – Londrina, 2013.  
71 f. : il.

Orientador: Moisés Alves de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2013.  
Inclui bibliografia.

1. Tahan, Malba – Crítica e interpretação – Teses. 2. Matemática – Relações de gênero – Teses. 3. Livros e leitura na matemática – Teses. 4. Mulheres e matemática – Teses. 5. Matemática – História – Teses. I. Oliveira, Moisés Alves de. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. III. Título.

CDU 51(091)

Dedico este trabalho à todas as meninas e mulheres que apreciam a Matemática.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida e força concedida nos momentos de aflição.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Moisés de Oliveira que acreditou em minhas ideias e que, mesmo nos momentos em que me (des)encontrei em abismos intelectuais, orientou-me com paciência.

Agradeço à minha família querida. À minha mãe Angela e meu pai Ernani pelo amor e dedicação, por me mostrarem caminhos a trilhar no simples ato de “dar o exemplo”. Agradeço à minha mãe por ter lido meu trabalho tantas vezes, apenas para me transmitir segurança, não me deixando desistir. Agradeço ao meu pai por estar disposto a me ajudar no que fosse preciso. Agradeço ao meu irmão Junior pela amizade que amadurece com o passar dos anos. Agradeço à Olívia, nova integrante da família, que me trouxe muita alegria aliviando meus momentos de tensão e fazendo-me companhia no término deste trabalho.

Agradeço à minha avó Tereza pelo amor e cuidado. Por acolher-me nos tempos de graduação. Por sua simplicidade e caráter que admiro. Agradeço ao meu tio Almir (*in memoriam*) que marcou minha trajetória, inclusive no início da graduação, ensinando-me a lutar pela vida. Agradeço também por seu carinho, amizade e cuidado.

Agradeço à Professora Doutora Márcia Cyrino e ao Professor Doutor Marcos Nalli, que aceitaram participar das bancas de qualificação e defesa, mostrando diferentes olhares e perspectivas que muito contribuíram para o término deste trabalho.

Agradeço ao Grupo de Estudos Culturais das Ciências e da Educação, pelas discussões acadêmicas e contribuições no decorrer deste trabalho. Agradeço aos “irmãos e irmãs de orientação”, principalmente ao Gustavo Pricinotto e à Aline Mattos, pelas discussões acadêmicas, filosóficas, sociológicas e não formais que muito contribuíram para que este trabalho fosse possível.

Agradeço todos os professores (os quais não me cabe citá-los, pois são muitos) que fizeram parte de minha história, de alguma forma acredito que todos contribuíram para minha carreira acadêmica e profissional.

Agradeço à minha amiga Tayomara que tanto me incentivou a

ingressar e terminar este mestrado. Obrigada pela amizade sincera.

Agradeço ao Bruno Kerber por ter me incentivado à prestar o mestrado na UEL.

Agradeço à Mariana e à Natália pelos dois anos de boa convivência na mesma residência, desencadeando daí uma amizade sincera. Agradeço à Elisa e à Valéria que residiram comigo e acompanharam os processos finais.

Agradeço ao Márcio, meu amigo e companheiro, pelo apoio nesta etapa final.

Agradeço às amigas e amigos “pseudolondrinenses” (seus inusitados nomes ou apelidos: Ana Aline, Maka, Fogas, Mazinho, Nina, Linimar, Leandro, Tatiany, Bigode, Bola, Henrique, Línlya, Lary, Vinícius) que tão bem me acolheram nesta calorosa cidade.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro.

A todos que contribuíram para que este trabalho se tornasse possível, MUITO OBRIGADA!

SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de. **Quem Calculava?** Representações de gênero na relação mulher-matemática na obra *O Homem que Calculava* de Malba Tahan. 2013. 72f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, 2013.

## RESUMO

O presente trabalho tem como propósito estudar e mostrar como algumas representações de gênero vão se instituindo como verdade na relação mulher-matemática na obra *O Homem que Calculava*, de Malba Tahan. A pesquisa foi fundamentada em sendas foucaultianas como ferramentas analíticas para realizar a análise do discurso do autor Malba Tahan (em uma entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em 1973) e a análise do discurso da obra tahanica (*O Homem que Calculava*). Tendo em vista as três fases de Foucault – arqueológica, genealógica e ética –, tentamos esboçar elementos de cada uma dessas fases, não assumindo um caráter univocamente arqueológico, genealógico ou ético, mas articulando as ideias foucaultianas pertinentes a este trabalho. Como a abordagem principal desta pesquisa é a relação mulher-matemática, aprofundamos nos estudos feministas adotando as ideias pós-estruturalistas da estadunidense Judith Butler e da brasileira Guacira Lopes Louro, pronunciando o que entendemos por sexualidade, gênero e sexo. Na análise do discurso da entrevista concedida pelo autor Malba Tahan, buscamos enunciados referentes à experiência-de-si do autor, sobretudo quando trata de mulheres em face da matemática. Na análise do discurso no livro *O Homem que Calculava* buscamos enunciados que apresentassem a relação da mulher com a matemática. Nessa busca por relações entre a mulher e a matemática encontramos representações construídas e atribuídas ao gênero feminino. Mais que isso, encontramos mecanismos de poder que produzem mulheres enquanto uma pedagogia delimitadora de seus gestos e comportamentos que, a nosso ver, cabe aos movimentos populares, feministas e culturais a possibilidade de problematizá-los e gerar uma desconfiança para aquilo que outrora era visto como algo “natural”.

**Palavras-chave:** Malba Tahan. *O Homem que Calculava*. Análise do discurso em Foucault. Mulher-matemática.

SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de. **Who Calculated?** Gender representations in the relation between women and mathematics in the book *The Man Who Counted* by *Malba Tahan*. 2013. 72f. Dissertation (Master in the Science Teaching and Mathematics Education) – Universidade Estadual de Londrina, 2013.

## RESUMO - ABSTRACT

This present work has as purpose to study and show how some gender representations will be instituting as true in the relation between women and mathematics in the book *The Man Who Counted* by *Malba Tahan*. The research was based on Foucault's paths as analytical instruments to perform the speech analysis of the author Malba Tahan (in an interview granted by the Rio de Janeiro's Image and Sound Museum in 1973) and the speech analysis of his work (*The Man Who Counted*). In a view of the three phases of Foucault – archaeological, genealogical and ethical phases – we try to outline elements from each of these phases, not assuming a univocally archeological, genealogical or ethical character, but articulating the relevant Foucault ideas to this work. As the main approach of this research is the relation between women and mathematics, we deepened in the feminist studies adopting the American Judith Butler and Brazilian Guacira Lopes Louro poststructuralist ideas, enunciating what we understand about sexuality, gender and sex. In the speech analysis of the interview granted by Malba Tahan, we seek statements referring to the author's own experience, especially when he comes to women in view of mathematics. In the speech analysis in the book *The Man Who Counted*, we seek statements to present the woman's relation with mathematics. In this search for the relations between women and mathematics we find constructed and assigned representations to the female gender. Moreover, we find power mechanisms that produce women as a pedagogy bounding from their gestures and behaviors that in our view, it is up to popular, feminist and cultural movements, the possibility of problematize them and generate a distrust of what once was seen as something "natural".

**Keywords:** Malba Tahan. *The Man Who Counted*. Speech analysis in Foucault. Relation between Women and Mathematics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Triângulo obra-literatura-linguagem.....	19
Figura 2 - Bidimensionalidade da Arqueologia.....	25
Figura 3 - Tridimensionalidade da Genealogia.....	28
Figura 4 - Quadridimensionalidade da Fase Ética.....	31
Figura 5 - Imagem da carteira de identidade de Malba Tahan.....	40
Figura 6 - Revista ERRE, com o pseudônimo “Salomão IV”.....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DELIMITANDO UMA RELAÇÃO</b> .....	10
1.1	COMO INFLUÊNCIAS EXTERNAS DIRECIONAM PARA O FOCO DA PESQUISA 12	
<b>2</b>	<b>LEITURA, MATEMÁTICA E MULHER</b> .....	18
2.1	LEITURA COMO EXPERIÊNCIA.....	18
<b>3</b>	<b>PELAS SENDAS DE FOUCAULT: UM OLHAR ACERCA DAS TRÊS FASES</b> .....	23
3.1	UM OLHAR BIDIMENSIONAL DA ARQUEOLOGIA .....	24
3.2	UM OLHAR TRIDIMENSIONAL DA GENEALOGIA.....	27
3.3	UM OLHAR QUADRIDIMENSIONAL DA FASE ÉTICA E SUAS AMBIVALÊNCIAS ACERCA DA SEXUALIDADE .....	30
3.3.1	A tríade delimitadora dos estudos sexistas: sexualidade – sexo – gênero.....	34
<b>4</b>	<b>PRODUZINDO MALBA TAHAN</b> .....	38
4.1	ECCE MALBA TAHAN .....	38
4.2	MINHA TERRA TEM PALMEIRAS ONDE CANTA O SABIÁ .....	44
<b>5</b>	<b>QUEM CALCULAVA?</b> .....	49
5.1	A MULHER E A MATEMÁTICA .....	52
5.2	SETE JOVENS E SEGREDOS PARA SER (UMA ESPOSA) FELIZ .....	60
5.3	LOUVADO SEJA ALLÁ QUE CRIOU A MULHER, O AMOR E A MATEMÁTICA ..	62
<b>6</b>	<b>(IN)CONCLUSÕES ACERCA DA RELAÇÃO MULHER-MATEMÁTICA</b> .....	65
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	68

## 1 DELIMITANDO UMA RELAÇÃO

No sistema educacional é comum a defesa de que a leitura é um artifício essencial para desenvolver a formação humana. É usual vermos campanhas publicitárias de incentivo à leitura lançadas nas escolas, em universidades e na mídia. Frases como “*as pessoas já não leem como antigamente*”, “*Quem lê viaja*” ou “*desligue a TV e vá ler um livro*”, e, ainda, recentemente, em sites de relacionamentos, “*saia da internet e vá ler um livro*”, já viraram clichês em nossa sociedade educacional que anseia por uma geração de leitores. Porém, numa sociedade transitória como a nossa e repleta de recursos midiáticos, obviamente as pessoas não leem como antigamente, pois o próprio conceito de leitura expandiu-se juntamente com o conceito de texto. A leitura não implica necessariamente a interpretação de um texto escrito, mas a tradução de toda a informação que recebemos a cada instante. O livro, que outrora foi instrumento central de entretenimento, de informação e de produção cultural, e, como disse Foucault (1982), uma forma instituída de agir sobre outras pessoas, vem sendo deslocado para um sistema híbrido, com as mídias como cultura de massa, e passa a ocupar posições privilegiadas em vários segmentos instituídos como blocos de capacidade-comunicação-poder. Tais blocos, em que capacidades são ajustadas e vinculadas às comunicações constituindo relações de poder, contribuem para a composição de sistemas reguladores que podemos chamar, ampliando o sentido da palavra, de disciplinas.

Nesse jogo de disciplinamento, o livro, a biblioteca, o papel, o documento, as letras, a máquina de escrever, passaram a ser signos que circulam e circulavam entre os alfabetizados, os intelectuais, entre a massa pensante. Mas o livro também foi instrumento de entretenimento, a biblioteca também foi fonte de passatempos, a máquina de escrever também foi um instrumento que se difundiu universalmente. O livro, que defino como o grande e legítimo meio de um pesquisador se expressar, de uma religião obter continuidade, é também a voz de um sujeito, tem a capacidade de modificar a própria linguagem, e faz parte da cultura de massa, da indústria cultural criada por Adorno<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Recentemente certos “fenômenos” literários, como os livros de Dan Brown e de J.K. Rowling e Stephenie Meyer<sup>2</sup>, dão mostras da permanência, potencialidade e importância do estudo crítico dos significados estéticos e culturais produzidos a partir da ação de ler um livro. Produtos da indústria cultural, nos livros há “relações de comunicação que transmitem uma informação através de uma língua emaranhada num sistema de signos” (FOUCAULT, 1982, p. 9), e, em meio às relações de comunicação, há as relações de poder, como “gestos impostos por uma tradição ou aprendizado” (idem, 1982, p.10), por exemplo. Por acreditar que o livro é um bloco de capacidade-comunicação-poder, que sua forma escrita pode modificar e produzir linguagens no ato de interpretação de cada leitor, pretendo realizar uma análise documental da obra *O Homem que Calculava* do autor brasileiro Malba Tahan. A interpretação de um livro, assim como de qualquer outro instrumento de comunicação-poder, não produz um significado único para todos os indivíduos leitores, mas seus enunciados vão sendo representados contingencialmente<sup>3</sup> e temporalmente.

Ao ouvirmos falar de leitura, literatura, livros, escrita, linguagem, enfim, tantos outros conceitos e significados relativos à linguística, pouco associamos que a área de exatas também faz parte desse conjunto, pois, afinal, fomos moldados desde a infância a estruturar pensamentos, engavetando-os em disciplinas totalizantes. Por mais que haja uma vontade de linearizar e categorizar as formas de pensamento, não vivemos em um mundo repleto de “gavetas”, ou seja, linguagem não se resume apenas a palavras, texto não significa apenas letras reunidas, livros não são apenas folhas de papel encadernadas e matemática não se traduz apenas por números. Todos esses conceitos não são exteriores<sup>4</sup>; são construídos a partir do que se vive, do que se viveu, e seus significados não são sólidos, pois se (re)significam a cada instante. A partir dessa ideia, de que nada é totalizante, voltei esta pesquisa para um objeto – um livro escrito – que muito tem de matemática e, no meio dessa matemática, muito tem de detalhes, e um deles não me passou despercebido: a personagem mulher que aprendeu matemática.

<sup>2</sup> Autores de *best sellers* como *O Código Da Vinci* e as sagas *Harry Potter* e *Crepúsculo*, respectivamente.

<sup>3</sup> Usarei tal vocábulo remetendo à transitoriedade e inconstância a que somos submetidas/os. Ao processo de devir, de um fluxo imprevisível.

<sup>4</sup> Foucault (2000, p. 31), argumenta sobre a (não)existência de saberes exteriores, situados nas “bordas” das disciplinas: “Uma disciplina não é a soma de tudo que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou sistematicidade”.

Antes, contudo, de apresentar a obra e os motivos da sua análise, farei uma digressão ao meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina.

### 1.1 COMO INFLUÊNCIAS EXTERNAS DIRECIONAM PARA O FOCO DA PESQUISA

No princípio do mestrado tinha a ideia aparente de que o reforço da literatura, ou melhor, da leitura, poderia ser uma ferramenta que iria pôr fim ao lamento que persegue a nova direita educacional de que o abandono da leitura (aquela vinculada aos modelos disciplinares e hierarquizados do poder) de livros vem produzindo uma degeneração ética e cultural. O argumento era relativamente simples. Parafraseando Deacon e Parker (2002), bastava fornecer mais literatura e leitura erudita para aprimorar e salvar o *homo* como *educandus*. A frase em latim já sugere certos estranhamentos, sobretudo quando vinculada à própria história da construção greco-romana dos significados de homem, bastante inclusiva, mas somente para o macho da espécie. De fato, a mulher historicamente, não é representada cientificamente. Mas ressalto que investir na dicotomia homem/mulher fazendo um levantamento histórico da aparição da mulher no meio científico-acadêmico não é o foco deste trabalho.

Na vertente pós-estruturalista<sup>5</sup> compreende-se que “o sujeito se constitui dentro de significados e representações culturais marcadas por relações de poder” (MARIANO, 2005, p. 484). Nesta pesquisa concentrei-me no sujeito discernido na categoria mulher, procurando expressar representações culturais por meio de um discurso presente na obra de Malba Tahan, sobretudo a relação da mulher com a matemática. Essas representações culturais se voltarão para o gênero delimitando uma relação entre a mulher e a matemática.

Apesar de minha formação ser na área de matemática, acreditava que a literatura poderia ser utilizada para a aproximação de todas as Ciências e da

---

<sup>5</sup> Para Silva (2000, p. 92-93) o pós-estruturalismo é um “termo abrangente, cunhado para nomear uma série de análises e teorias que ampliam e, ao mesmo tempo, modificam certos pressupostos e procedimentos da análise estruturalista. Particularmente, a teorização pós-estruturalista mantém a ênfase estruturalista nos processos linguísticos e discursivos, mas também desloca a preocupação estruturalista com estruturas e processos fixos e rígidos de significação. Para a teorização pós-estruturalista, o processo de significação é incerto, indeterminado e instável. De uma outra perspectiva, o pós-estruturalismo apresenta-se também como uma reação tanto à fenomenologia quanto à dialética. Citam-se, frequentemente, Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze como sendo teóricos pós-estruturalistas”.

matemática com a interpretação textual dessas áreas. Porém, ao dedicar-me às leituras relacionadas aos Estudos Culturais e Estudos Culturais da Ciência (ressalto que não coloco essa linha de pesquisa como um artifício salvacionista), percebi que a própria Ciência produz significados de acordo com cada detalhe em que está inserida, e assim escolhi um desses detalhes para o desenvolvimento desta dissertação. Sabendo que o constructo da Ciência não provém de um processo puramente cognitivo, mas sim de uma articulação entre a Cultura, o conhecimento e o poder (GIROUX, 1995), e tendo em vista a ideia de que a Ciência foi construída em um universo masculino, no qual a mulher começou a ganhar espaço a partir do século XX, motivei-me a compreender como podemos perceber isso a partir de determinado instrumento de informação: o livro *O Homem que Calculava*, de Malba Tahan.

A primeira vez que li *O Homem que Calculava* foi em 2005, ano em que ingressei no curso de Matemática da Universidade Federal do Paraná. Despertou-me o interesse em procurá-lo para ler quando o professor<sup>6</sup> que ministrava a disciplina Fundamentos da Matemática I o citou em uma aula. Lembro-me que o título da obra me chamou atenção: *O Homem que Calculava*. No entanto, minha atenção naquele momento voltava-se para o verbo, que se encontrava no passado, voltava-se para o “calculava”. Caloura do curso de Matemática, ansiava por mais matemática, mais cálculos, mais números, mais álgebra, mais geometria, enfim, mais tudo que dizia respeito à matemática. O substantivo “homem” passou-me despercebido naquele momento e as personagens mulheres presentes no decorrer da obra chamaram-me pouca atenção. Hoje, ao deparar com o livro nas prateleiras de livrarias e bibliotecas ocorre-me pergunta silenciada nos primeiros contatos: por que o “homem” que calculava?

A pretensão de um estudo das representações de gênero incluindo a relação mulher-matemática surgiu quando li alguns artigos da pesquisadora pós-estruturalista Valerie Walkerdine<sup>7</sup> que mencionam a relação da “menina” com a matemática desde a sua idade escolar. Em minha história escolar, nunca fui uma excelente aluna em matemática. Minhas notas eram medianas, meu interesse pela

<sup>6</sup> Professor Dr. Alexandre Kirilov.

<sup>7</sup> Especificamente dois artigos de fácil acessibilidade:

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 7-24, jan./jun. 2007; \_\_\_\_\_. O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.

disciplina era apático. Sem entender o porquê, no âmbito familiar eu era muito cobrada especificamente em matemática, fato que me levava a pensar ser esta disciplina mais importante que as outras, justamente a disciplina que não me despertava interesse. Porém, quando conseguia atingir a nota máxima em matemática, era incentivada por professores e familiares da seguinte maneira: “*viu só? Basta você se esforçar que tudo fica possível...*”. No Ensino Médio, a matemática tornou-se mais interessante para mim, comecei a apreciá-la e dedicar meu tempo de estudo mais a essa disciplina que às outras, simplesmente porque me apaixonei por matemática. Conseqüentemente minhas notas nas disciplinas exatas se destacaram, fato esse que surpreendeu a todos que até então conheciam minha (ex)conturbada relação com a matemática. A partir daí ouvi muito (e continuo ouvindo) frases do tipo “*a Luiza nunca foi superinteligente, ela apenas é muito esforçada...*”. Isso nunca me chamou a atenção, nunca me angustiou, até deparar com os escritos de Walkerdine. Num contexto generalizado, Walkerdine (1995) conclui em seus estudos que o sucesso alcançado na disciplina de matemática pela menina/mulher é visto (pelos docentes e pela sociedade) como proveniente de muito esforço e estudo, enquanto o sucesso nessa mesma disciplina alcançado pelo menino/homem é visto como proveniente de um saber nato.

Por mais binária que essa relação esforço/saber nato transpareça já se identifica uma inferência no que tange aos gêneros: tendo por base que o sucesso em matemática é tomado como o sucesso em raciocinar, Walkerdine relata que a mulher é acusada então por não raciocinar como o homem e se o faz é reprovada. A escola produz diferenças, demarca espaços... Não é de admirar que tal instituição distinga também menino/menina, inclusive seus modos de pensar e agir. Acredito que grande parte das mulheres (não quero ser pretensiosa e afirmar que todas) já ouviu de seus professores ou familiares a seguinte frase de repreensão em virtude de algum comportamento: “*Que feio! Uma menina agindo assim!*”. Bem como grande parte dos meninos já deve ter ouvido frases de repressão em relação ao sexo masculino, com afirmações herdadas de uma tradição machista, como “*homem que é homem não chora*” ou “*homem não usa cor-de-rosa*”. Tais frases, ainda muito comuns em nosso cotidiano, delimitam espaços, comportamentos e gestos propícios de cada sujeito, delimitam o próprio conceito de gênero. Estudos feministas, abrangendo as mais diferentes áreas, têm nos “possibilitado desconfiar de tudo que é tomado como ‘natural’” (LOURO, 2001, p. 63). A construção da sujeita mulher está

presente em discursos contidos nas práticas cotidianas e é quase imperceptível aos nossos olhos, justamente por parecerem comuns.

Sob um olhar foucaultiano pretendo informar um estudo documental focalizando como vão se instituindo verdades na relação mulher-matemática a partir de uma obra literária. Mesmo inspirada por uma vertente pós-estruturalista, no segundo capítulo deste trabalho esbocei um modo particular de enxergar as fases foucaultianas esquematizando-as em desenhos. Não pretendi com esses desenhos estruturar o pensamento de Foucault, pois não cabe a mim sintetizar a fluidez e a descontinuidade com que são tratados os aforismos do autor.

Este trabalho está constituído de duas partes: na experiência de si de Malba Tahan e, num segundo momento, e foco principal, no livro *O Homem que Calculava*. A análise da experiência de si do autor será feita a partir de uma entrevista que concedeu ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, no dia 25 de abril de 1973<sup>8</sup>. Com base nessa entrevista observarei as verdades instituídas (por Malba Tahan) a respeito da vida do autor. A obra analisada, *O Homem que Calculava*, trata-se de uma narrativa de ficção na qual o autor Malba Tahan romanceia a história de um viajante persa – cujo nome é Beremiz Samir – que perambulava pelas estradas desvendando problemas de matemática aparentemente insolúveis. Na tentativa de responder como discursos ditos se articulam contingencialmente produzindo algum efeito de verdade na relação mulher-matemática, cantrar-me-ei na análise da obra em questão a partir do momento que Beremiz Samir é incumbido de ensinar matemática<sup>9</sup> para uma jovem mulher.

A escolha teórica deste trabalho, que não quero precipitar-me denominando-a metodológica<sup>10</sup>, pareceu-me pertinente devido à minha tentativa de compreender a contingência que nos leva a ser o que somos. Ressalto que não pretendo discutir o conteúdo matemático que a obra expõe, mas sim observar as

---

<sup>8</sup> A entrevista encontra-se disponível no site <http://www.malbatahan.com.br/ouca.php>, acesso em 30/03/2012, porém me apropriei da transcrição que se encontra em:

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. *Do Menino “Julinho” à “Malba Tahan”*: uma viagem pelo oásis do ensino da matemática. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática)- UNESP, Rio Claro. 2001.

<sup>9</sup> Ou ainda, como citado no livro, uma jovem teria de aprender “as propriedades dos números e as múltiplas operações com que eles se efetuam” (TAHAN, 2009, p. 63). O viajante, assentindo em ministrar aulas à jovem, ressalta: “poderei ensinar à vossa filha todas as operações algébricas e os segredos da Geometria” (TAHAN, 2009, p. 64).

<sup>10</sup> Apropriar-se da perspectiva foucaultiana e chamá-la de método não se enquadra com as ideias desse filósofo, pois método estabelece terminologias e conceitos fixados. Veiga-Neto (2007) denomina o “método” foucaultino se apropriando da definição de Larrosa: “uma certa forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição”.

relações de gênero na própria história contada por Malba Tahan e mostrar sob um olhar particular como essas relações são lidas e representadas no concenrente à matemática.

Para efetivar esta pesquisa que envolve literatura, matemática e representações de gênero, realizei uma leitura dos estudos feministas fundamentando-me nas pesquisadoras Guacira Lopes Louro (brasileira) e Judith Butler (estadunidense), as quais relatam a questão do gênero presente em nossa sociedade. Tal questão é tratada por referidas pesquisadoras como uma “construção que se dá através de inúmeras aprendizagens e práticas empreendidas em instâncias sociais e culturais de modo explicito ou dissimulado, porém sempre inacabado” (LOURO, 2008, p. 55).

Apesar de a teoria feminista colocar como ponto de partida o binarismo sexo/gênero considerando o gênero uma construção social e o sexo como algo provindo naturalmente<sup>11</sup>, Butler (2008) relata que assumir essa condição é admitir normas e padrões culturais previamente estabelecidos que agem sobre a interpretação dos corpos. Portanto, dicotomizar sexo e gênero é incabível, pois ambos os conceitos estão sobrepostos na arquitetura social.

Em 1949 a feminista francesa Simone de Beauvoir publicou o clássico *O Segundo Sexo*, em que citou uma frase que até os dias de hoje passa por um processo de intervenção e (re)significação: “*on ne naît pas femme, on le devient*”<sup>12</sup>. Para Butler (2008, p. 58-59) tal afirmação decorre do fato de que “mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim”. Entretanto, apropriando uma “definição” butleriana, assumirei gênero como

a estilização repetida do corpo, um conjunto dos atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2008, p. 59)

Como a denominação “gênero” aparece desde o título deste trabalho, procurei esboçar rapidamente já neste primeiro capítulo qual o significado que adotei para tal vocábulo (não podendo deixar de falar do vocábulo “sexo”), porém irei aprofundar-me em outros significados que envolvem estudos sexistas em um tópico específica do terceiro capítulo do trabalho.

---

<sup>11</sup> Biologicamente constituído.

<sup>12</sup> Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.

Espero aqui, ter deixado claro o que me motivou a pesquisar esse tema e como o fiz. Nos capítulos seguintes deste trabalho procurando mostrar **como as representações de gênero vão se instituindo como verdade na relação mulher-matemática a partir da leitura de *O Homem que Calculava***. No segundo capítulo, abordarei como tratamos a leitura e a literatura, procurando expor como nos construímos a partir dela.

## 2 LEITURA, MATEMÁTICA E MULHER

Começar falando da escrita e da leitura não está fora de lugar, pois o que a ideia de formação permite pensar é, justamente, o que acontece ao se ler um livro, o que é a experiência da leitura ou, melhor ainda, o que é a leitura como experiência. (LARROSA, 2010, p. 46)

“Leitura”, “matemática” e “mulher”. Três palavras que aparentemente não possuem relação alguma além do fato de serem substantivos femininos. Porém ao iniciarmos a *leitura* da obra que tomo como objeto central desta pesquisa, observamos inicialmente que há uma nítida relação entre a literatura e a *matemática*. Malba Tahan romanceia problemas e curiosidades matemáticas instigando o leitor a conjecturar situações oriundas da lógica. Mas o que coloco em questão, aqui, não é a matemática sob o olhar de Malba Tahan, tampouco a matemática e suas indagações, mas sim a questão da pesquisa (colocada no capítulo anterior) referente a este trabalho.

### 2.1 LEITURA COMO EXPERIÊNCIA

A leitura é uma experiência capaz de formar e transformar o leitor. Dependendo da leitura, de como é feita e de como é recebida, ela atinge o leitor de modo que vozes são ecoadas reformulando o que já foi dito. Tal experiência leva o sujeito que lê a um universo desconhecido em que surgem perguntas em vez de respostas, representações em vez de (re)afirmações (LARROSA, 2010). O leitor envolto com o que lê é tomado por uma força impetuosa de ideias a respeito do que foi vivido no momento da leitura e com sua realidade.

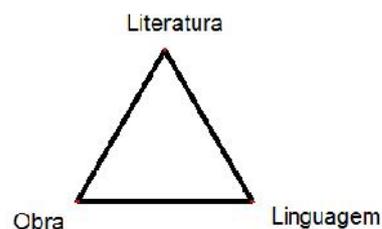
Um dos motivos de eu ter escolhido o livro de Malba Tahan como objeto de pesquisa, um material escrito há mais de setenta anos, que já ultrapassou setenta edições e já vendeu mais de dois milhões de exemplares em todo o mundo, traduzido para o alemão, inglês, italiano, espanhol e catalão, deu-se em virtude do apreço que tenho por sua escrita, da admiração por Malba Tahan e sua relevância na Educação Matemática no Brasil. Uma das mostras de sua importância em nosso país é que recentemente, pela Lei n. 12.835, de 26 de junho de 2013, foi instituído como Dia Nacional da Matemática o dia 6 de maio, data de nascimento do educador matemático e escritor Malba Tahan. Além disso, *O Homem que Calculava*, é um livro que já fez parte do cotidiano de várias pessoas. Para Louro (2001) é nas práticas diárias que sutilmente se fabrica o sujeito. Admitindo o processo de leitura de um livro decorrente de práticas diárias, a leitura fabricará sujeitos delimitando espaços e

atribuindo diferenças entre eles. Larrosa trata o processo de leitura de um livro como uma transposição de relação com si mesmo, havendo nesse processo, a todo momento, a formação e a transformação de um sujeito, produzindo a partir da literatura sentidos, representações e significados. Portanto, a formação a partir da leitura se dá por meio da interação do sujeito com a leitura, uma vez que a formação é o resultado de determinado tipo de relação com determinado tipo de palavra.

Como o livro é o objeto principal deste trabalho, para tratarmos dessa interação entre o sujeito e a leitura de uma obra literária, é cabível perguntar: que é literatura? Numa conferência ocorrida nos dias 18 e 19 de março de 1964 na *Facultés Universitaires Saint-Louis*, em Bruxelas, Foucault fala especificamente sobre a literatura como jamais o fizera em suas publicações<sup>13</sup>. Nessa conferência Foucault faz um retrocesso relatando o que se entende por literatura desde a Época Clássica, nos escritos de Eurípedes, o que certamente não é o mesmo que se entende por literatura hoje.

A literatura, de fato, possui um vínculo fundamental com a linguagem, que o próprio Foucault denomina como “o murmúrio de tudo o que é pronunciado” ou, ainda, “o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos”. Mas a literatura em si, hoje compactada em folhas que formam o livro, ou disponibilizada em seus variados recursos midiáticos, tais como *e-books*, *audiobooks*, ou qualquer outro recurso que se concentre no digital, e não no físico, ainda tem o efeito de relacionar-se entre a obra (produção do escritor) e a linguagem. Foucault esboça seu pensamento a respeito da literatura colocando-a no vértice de um triângulo, onde passa a relação da obra com a linguagem e da linguagem com a obra. Esquematisando seu pensamento, o esboço na figura a seguir:

**Figura 1** - Triângulo obra-literatura-linguagem



<sup>13</sup> A transcrição da conferência encontra-se em: FOUCAULT, Michel. *Linguagem e Literatura*: conferência inédita. Trad. Roberto Machado. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 137-174.

Observemos a primeira – e longa – frase da obra de Malba Tahan:

*Voltava eu, certa vez, ao passo lento de meu camelo, pela estrada de Bagdá, de uma excursão à famosa cidade de Samarra, nas margens do Tigre, quando avistei, sentado numa pedra, um viajante, modestamente vestido, que parecia repousar das fadigas de alguma viagem. (TAHAN, 2009, p.15)*

Assim como toda obra literária, a frase acima consiste numa entrada na literatura, mas esse emaranhado de palavras não pertence de fato à literatura. Apesar de atribuir uma linguagem aparentemente acautelada de signos, é entendida como literatura “porque é a irrupção de uma pura e simples linguagem na página em branco” (FOUCAULT, 2005, p.142). São palavras que nos levam ao início de uma eterna ausência paradoxal e transgressivamente vibrátil e imóvel. São reproduções de reproduções que se cristalizam em vocábulos e aguardam um devir que repercutirá em outros devires descontinuamente. Trata-se de simulacros, de um sistema de signos inclusos na linguagem. Tais signos, porém, ultrapassam as sendas linguísticas partindo para uma rede de outros signos que circulam em nossa sociedade, podendo ser eles sociais, religiosos, econômicos, monetários etc.

O que foi escrito numa obra está compactado em um livro e seu discurso literário se (re)significará no futuro. Se (re)significará por aqueles que procurarão um livro no espaço linear de uma biblioteca, de um sebo ou de uma livraria. Se (re)significará por aqueles que, ao “navegar” pela *internet*, eventualmente irão se deparar com a digitalização de alguma obra. Esse sujeito consumidor, que de uma forma ou de outra irá ler a obra – talvez o *Homem que Calculava* – irá defrontar-se com a pureza e a transgressão de um pensamento alheio. Apropriando-me do conceito de simulacro citado por Foucault, o discurso de *O Homem que Calculava* possibilitará ao leitor novos significados, fazendo uma intersecção com as práticas sociais e com os signos que na sociedade circulam.

Machado (2005, p. 115) nos alerta que “para Foucault a literatura nunca é dada, nunca é totalmente realizada; ela está sempre no livro e por vir e nenhum livro coincide com ela”. Assim, a literatura está imersa em uma linguagem formada em uma rede complexa de alteridade descontínua de saberes e poderes que se modificam no devir da própria história, pois nada é constante, nenhum pensamento, nenhuma condição social.

Para Foucault a repetição do discurso, o discurso do qual nos queremos apoderar, produz representações que são evocadas e (re)significadas.

Adiantando a discussão futura, podemos entender por discurso um conjunto de elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força (FOUCAULT, 1999). Nessas correlações de força o significado produz um *efeito verdadeiro*. Tal efeito verdadeiro só ocorre porque há no humano uma vontade de verdade. Inspirado por Nietzsche, Foucault ressalta a ideia de que na verdade não há um alicerce metafísico que valida sua veracidade, mas sim uma vontade de tornar eternamente fixas “coisas” que estão num fluxo em mudanças constantes.

A modelagem dos corpos, a qual torna o corpo útil para a submissão e obediência, delineando gestos, comportamentos e atitudes, delimitando o papel de cada um na sociedade, é um exemplo de mecanismo de poder que Foucault sustenta ser uma estratégia de fixar comportamentos. A delimitação de comportamentos, sobretudo em relação ao gênero, faz-se presente nos discursos, inclusive no discurso literário da obra em questão neste trabalho. Tal delimitação ocorre por meio de um processo de subjetivação em que o corpo é formado por um discurso. Esse discurso não está simplesmente imerso em determinações de poder exteriormente preestabelecidas, mas é produzido a partir da identidade do sujeito já discursivamente constituída. Trata-se de uma espécie de poder que não apenas age parcialmente sobre um indivíduo como forma de dominação, mas que também “ativa” a formação do sujeito. Foucault relaciona essa produção do sujeito com os sistemas jurídicos de poder, uma vez que o corpo também está intercalado no campo político.

A produção de poder no discurso, não será necessariamente analisada como algo hostil, pois assim como é possível observar a fabricação do poder como ditadora, repressora, déspota, é possível verificar uma aceitação do poder como algo fascinante e encantador. Em relação ao corpo, é-nos pertinente compreender

o poder como algo que também forma o sujeito, algo que lhe proporciona a mesma condição de sua existência e a trajetória de seu desejo, não sendo o poder algo somente a que nos opomos, senão também, fortemente, algo de que dependemos para nossa existência que abrigamos e preservamos nos seres que somos.<sup>14</sup> (BUTLER, 2001, p. 12)

O poder está nas relações, nas articulações entre sujeitos, entre coisas, e penso que o material escolhido possui uma relação sujeito(leitor)-objeto(livro) que incita significados e representações acerca do gênero na relação

---

<sup>14</sup> Tradução nossa.

mulher-matemática. É nas minúcias da obra de Malba Tahan que especularei a formação do sujeito, é nelas que perscrutarei relações de poder quase imperceptíveis por serem usualmente tomadas como algo “natural”.

### 3 PELAS SENDAS DE FOUCAULT: UM OLHAR ACERCA DAS TRÊS FASES

A obra *O Homem que Calculava* está na 75ª edição, e é propriamente esta última edição que foi analisada. No decorrer da elaboração deste trabalho fui indagada inúmeras vezes sobre o “porquê” de não comparar todas as edições anteriores à atual. Se essa sugestão fosse acatada, estaria justificando o presente com acontecimentos passados, o que fugiria totalmente do meu propósito. Não afirmo que a obra modifica o discurso dos leitores, tampouco que os leitores sem perceber o que está “por trás” da obra aderem o discurso tahaniano a eles (mesmo porque não há nada “por trás” de um discurso, o discurso está na superfície). O livro de Malba Tahan é apenas um objeto dentre outros incomensuráveis, que passam por um sujeito. É somente a microparte de um discurso dentre tantos que existem na sociedade. Este se intersecciona com tantos outros discursos que se (re)significam o tempo todo. E nessa obra de Malba Tahan encontrei algumas considerações de uma personagem, inserida na categoria mulher, que têm que ver com o mundo atual no que se refere à mulher em relação à matemática.

Na tentativa de encaminhar esta pesquisa na vertente pós-estruturalista e vinculada aos estudos culturais, e levando em consideração a fluidez dessa vertente, não há sentido em estabelecer nitidamente os contornos do objeto da pesquisa, pois o discurso do livro não é analisado univocamente, como algo externo aos acontecimentos, uma vez que “há uma conexão deste com a produção de outros sentidos no meio social” (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p. 26).

A apropriação de ideias foucaultianas ao longo deste trabalho obsta-me de partir de conceitos fixos ou da procura por chegar a conceitos estáveis e seguros (VEIGA-NETO, 2007), pois, aqui, tratei o discurso como contingente considerando os poderes instituídos que colocam acontecimentos em trânsito. Ao adotar Foucault como perspectiva analítica, não nos faz sentido impor ou acreditar em verdades permanentes e duráveis, uma vez que a própria linguagem, como tenho afirmado, é modificável.

Apesar de a escolha teórica deste trabalho voltar-se para a gênese foucaultiana, ou seja, aquela que problematizará como chegamos a ser o que somos em meio às verdades instituídas, irei valer-me de alguns temas mencionados pelo Foucault arqueológico e pelo Foucault ético. Veiga-Neto coloca nitidamente como

funcionam essas três fases foucaultianas. Segundo ele, “ao invés de separação entre elas, o que se observa claramente é uma sucessiva incorporação de uma pela outra, num alargamento de problematizações e respectivas maneiras de trabalhá-las” (VEIGA-NETO, 2007, p. 45).

Por essa liberdade que Foucault nos proporciona de trabalharmos o discurso apropriando-nos de suas ideias fiz uma leitura particular de suas três fases que justifica a minha escolha “metodológica”. Esquivando-me da pretensão de estabelecer uma estrutura foucaultiana deliberando um “método prático” para analisar o discurso, o que segue nos próximos tópicos é a explanação de um modo de olhar as três fases foucaultianas e como as ideias, e quiçá os conceitos, uma vez que estes não são fixos, serão articulados na análise deste trabalho.

### 3.1 UM OLHAR BIDIMENSIONAL DA ARQUEOLOGIA

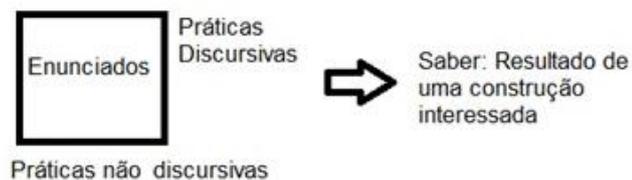
Nessa primeira fase de Foucault, muito explorada em *Arqueologia do Saber* e em *As Palavras e as Coisas*, o autor refere-se ao discurso de várias maneiras, sobretudo ressaltando sua descontinuidade. O discurso que até então fora abordado pela epistemologia como um conjunto de fatos contínuos tratando o sujeito como um produtor de saberes passou a ser analisado por Foucault colocando o sujeito como um produto dos saberes (VEIGA-NETO, 2007). O que Foucault fez, e do que pretendo apropriar-me, foi compreender fatos históricos que levaram o sujeito a ser o que é, “renunciando a todos os temas que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre conduzida” (FOUCAULT, 2008, p. 28).

Dado que podemos entender o discurso como “um conjunto de enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 132), o que farei não é analisar o que está por trás daquilo que foi dito, ou o que realmente se quer dizer, mas sim, parafraseando Fischer (1996, p. 121), “quais as condições de existência de um conjunto de enunciados”. Para o Foucault arqueológico:

Diante de um conjunto de fatos enunciativos, a arqueologia não se questiona o que pôde motivá-lo (esta é a pesquisa dos contextos de formulação); não busca, tampouco, encontrar o que neles se exprime (tarefa de uma hermenêutica); ela tenta determinar como as regras de formação de que depende – e que caracterizam a positividade a que pertence - podem estar ligadas a sistemas não discursivos; procura definir formas específicas de articulação. (FOUCAULT, 2008, p. 183)

O que Foucault ressalta em sua primeira fase é a articulação das práticas discursivas e não discursivas<sup>15</sup> coexistentes em um conjunto de enunciados que representam o discurso. Breve esboço de uma leitura particular minha para compreender a arqueologia é representado pela figura 2, expressando certa bidimensionalidade em relação às outras fases.

**Figura 2 - Bidimensionalidade da Arqueologia**



Na articulação entre o que Foucault chama de práticas discursivas e não discursivas, constituem-se os enunciados que produzem determinado saber. Esse saber, todavia, que estruturadamente é chamado de realidade, não é visto como algo externo à razão, munida de verdade, mas é o “resultado de uma construção interessada”<sup>16</sup>. O que interessa em termos da arqueologia foucaultiana no decorrer deste trabalho, tal como para parte a analítica, são as articulações entre as terminologias que Foucault adota – tais como, enunciado, formação discursiva, práticas discursivas e práticas não discursivas –, que constituem um saber com efeito de verdade. Não é minha intenção defini-las, mas fazer uma breve descrição de como Foucault trabalhou referidas terminologias e como irei tratá-las em minha análise.

Ao tratar daquilo que chamamos de enunciados, não devemos compreendê-los como algo despojadamente dito, mas estudá-los “no limite que os separa do que não está dito, na instância que os faz surgirem à exclusão de todos os outros” (FOUCAULT, 2008, p. 135). No enunciado nada está oculto, pois tudo está na superfície, basta esquadriharmos as relações que sustentam tal discurso (ou conjunto de enunciados) na superfície, levando em consideração que ditos enunciados pertencem a certa formação discursiva. Foucault diz que a formação discursiva não deve ser tomada como blocos estáticos elaborados por determinação

<sup>15</sup> Foucault denomina práticas não discursivas aquelas relacionadas às instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos (FOUCAULT, 2008, p. 182).

<sup>16</sup> A fase genealógica e a ética.

de instituições como algo exterior ao discurso, mas ser analisada de acordo com o conjunto de regras em que as relações se estabelecem. Um exemplo dado por Fisher dessas relações é que,

quando falamos em discurso publicitário, econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico ou pedagógico, estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria. (FISHER, 2001, p. 203)

A autora, porém, ressalta que tais formações discursivas não devem ser confundidas com disciplinas totalizantes, pois se trata de um conjunto de regras anônimas que se compõem historicamente e se reafirmam no tempo. Ainda, as práticas discursivas presentes nessa formação, reafirmadas no tempo, manifestam-se de acordo com uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008).

Tomemos o enunciado a seguir para um breve esboço de análise em relação à arqueologia. Quando Malba Tahan menciona que “teve de ensinar uma fórmula trigonométrica para uma turma de meninas que ele sabia que não iriam ser engenheiras nem nada”, colocamos em questão um emaranhado de situações que delimitam o aparecimento de tal discurso, desde a época em que foi dito até os fatos que colocam em xeque papéis sociais da mulher. As perguntas que poderiam decorrer de tal discurso seriam: se fosse uma turma de meninos “que não iriam ser engenheiros nem nada”, será que ensinar a fórmula trigonométrica seria visto como um desafio? Se fosse uma turma de meninos “que não iriam ser engenheiros nem nada”, será que o que Malba Tahan chama de recreações matemáticas seriam inventadas? E se fosse uma turma de meninas que almejassem serem engenheiras, será que o modo como foi ensinada a fórmula seria o mesmo? Especular tais perguntas nos conduz a,

ao invés de buscar explicações lineares de causa e efeito ou mesmo interpretações ideológicas simplistas, ambas reducionistas e harmonizadoras de uma realidade bem mais complexa, aceitar que a realidade se caracteriza antes de tudo por ser belicosa, atravessada por lutas em torno da imposição de sentidos. (FISHER, 2001, p. 205)

Ao Malba Tahan dizer que teve de ensinar uma fórmula trigonométrica para uma turma de meninas que não iriam ser engenheiras nem nada, o “*nem nada*” afirma uma (não) representação da mulher. Quando Judith Butler (2008) fala que a mulher era mal representada, designa-se que faltava um

papel político para a mulher na sociedade (diferente de doméstica/cuidadora/reprodutora), o qual veio à tona quando as primeiras feministas inquietaram-se com essa falta de papel da mulher no meio social. Quando Malba Tahan afirma vulgarmente que uma turma de meninas não serão engenheiras nem nada, passa quase despercebido essa camuflagem da mulher. Discursos como esse, que inferiorizam a mulher, fazem surgir entre as estudiosas feministas uma angústia por especular como essa fala se faz presente em outros discursos, sejam eles acadêmicos, sejam eles discursos presentes na mídia, nas escolas, ou até mesmo em livros.

A opção por tratar de questões arqueológicas neste trabalho deu-se em razão do modo inicial como Foucault mencionou a análise do discurso, que alguns estudiosos arriscam denominá-la metodológica, apesar de Foucault não ter se referido a essa terminologia. É na arqueologia que Foucault esclarece noções de discurso e coloca a possibilidade de examinar argumentações históricas, econômicas, políticas, sociais, que mantêm um dado discurso à tona. Ressaltamos que em tais argumentações há um discurso já dito e um jamais dito, uma voz silenciada. Porém o discurso já se encontra formulado entre esse silêncio e o que é falado que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar (FOUCAULT, 2008). Tanto as vozes faladas e as vozes silenciadas estão emersas no discurso que é na articulação entre essas vozes que o discurso é constituído, mantido na superfície.

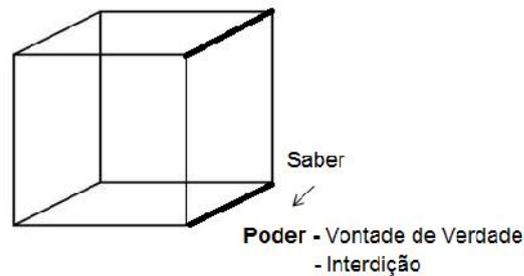
Posteriormente, inspirado em Nietzsche, Foucault ensina que no discurso nada é imposto tiranicamente, mas há uma vontade de verdade, explicitada em *Humano, Demasiado Humano*, que se engaja àquilo que se deseja tomar para si. Essa busca por compreender os processos de como o sujeito chega a ser o que é por meio de instituições de poderes que os classificam, está voltada à gênese foucaultiana, de que trataremos no tópico seguinte.

### 3.2 UM OLHAR TRIDIMENSIONAL DA GENEALOGIA

Talvez, por minha propensão à matemática, tenha relacionado as três fases foucaultianas a dimensões. Como visto, minha leitura da arqueologia está associada a uma representação bidimensional. Seguindo esse raciocínio designado em dimensões, incluo uma terceira dimensão para representar a genealogia

foucaultiana. A arqueologia e a genealogia, de fato, não são contraditórias<sup>17</sup>, ambas se sobrepõem, e por haver essa sobreposição, acrescentei uma terceira dimensão à até então arqueologia (figura 2).

**Figura 3 - Tridimensionalidade da Genealogia**



Até então, o que a arqueologia se ocupava era especular o como somos assujeitados ao saber (VEIGA-NETO, 2007), ou focalizar as formações discursivas; na genealogia, Foucault coloca a ênfase num terceiro viés: nas relações de poderes que demarcam e capturam os indivíduos. “É o poder enquanto elemento de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 66). Foucault trata dessa gênese em *Vigiar e Punir*, em que relata mecanismos de poder que possibilitam a disciplinarização dos corpos. Antes de falar de tais mecanismos, vale lembrar que é na genealogia que Foucault se volta ao adestramento dos corpos para a criação de corpos dóceis e capazes, relatando que foi na época clássica que houve a descoberta do corpo como objetivo e alvo do poder. Esse adestramento volta-se mais diretamente às instituições hospitalares, militares, escolares e carcerárias, que são constituídas por diversos regulamentos que visam corrigir ou controlar operações do corpo. A disciplina ao mesmo tempo que aumenta as forças do corpo também as diminui, colocando o aumento em termos econômicos de utilidade e a diminuição em termos políticos de obediência (FOUCAULT, 1999).

<sup>17</sup> Foucault coloca a crítica “arqueológica no sentido de que ela não procurará depreender as estruturas universais de qualquer conhecimento ou de qualquer ação moral possível; mas de tratar tanto os discursos que articulam o que pensamos, dizemos e fazemos, como os acontecimentos históricos. E essa crítica será genealógica no sentido de que ela não deduzirá, da forma do que somos, o que para nós é impossível fazer ou conhecer: mas ela deduzirá, da contingência que nos fez ser o que somos, a possibilidade de não ser, fazer ou pensar o que somos fazemos ou pensamos”. (FOUCAULT, 2000, p. 348)

Neste trabalho, contudo, não tratamos diretamente dessas instituições que controlam a conduta dos indivíduos usando o corpo como dispositivo. Aqui tratamos de uma obra literária; e, além do discurso literário também analisamos o discurso do autor Malba Tahan em uma entrevista.

Quanto aos mecanismos de poder que disciplinam os corpos criando corpos dóceis, um dos principais mencionado por Foucault é a máquina do Panóptico de Bentham<sup>18</sup>. A arquitetura de um presídio que exercia certo poder sobre todos na relação entre ver e ser visto, passou a influenciar diversas instituições que tinham por característica manter a ordem em um aglomerado de pessoas, tais como fábricas, escritórios, conventos, e como já citado, escolas e hospitais. Porém, na literatura não há essa panoptização institucional, pois “enquanto a vontade de verdade institucional canônico-disciplinarizante impõe efeitos de verdade, mascarados por um devir de socialidade, a discursividade literária retrata substratos de saberes de uma sociedade instaurando uma discursividade estética (monumentos culturais visualizados de diferentes formas e representações alegóricas), colocada enquanto alteridade descontínua” (SANTOS, 2009, p. 168).

Por tratar-se de uma obra escrita, fruto da imaginação do autor, porém que não há nada implícito da experiência de si do próprio autor, não tenho a pretensão de “desvendar” o pensamento do autor situando coisas que não foram ditas. Primeiro é preciso levar em consideração que em nossa sociedade, e na repercussão de seus discursos, nem tudo pode ser falado, nem tudo pode ser dito. Há um jogo de poder que “exclui”, “anula”, “confina”, aquilo que pode ser falado, principalmente no campo da sexualidade em Foucault, questão que se faz presente neste trabalho. Foucault (1996) chama esse processo de *interdição*, relacionando as interdições com o desejo e com o poder. Para Foucault o discurso

“não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 10)

---

<sup>18</sup> “O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível.” (FOUCAULT, 1999, p. 224)

De fato há “vontade de verdade”, uma vontade de praticar o que é moral<sup>19</sup>, uma busca por aquilo que é ideal. Procurando compreender mecanismos de poder que capturam, dividem e classificam os indivíduos ou, ainda, os motivos pelos quais se construiu o ideal, na obra *O Homem que Calculava* aparecem constantemente enunciados que reforçam e repetem a verdade instituída acerca do gênero, constituindo determinadas normalidades<sup>20</sup> em relação à mulher e determinadas normalidades em relação ao homem. Essa compulsão pela normalidade permite uma comparação entre os indivíduos mulher/homem, criando representações que parecem “naturais” de cada gênero, tornando essa obra de interesse para uma análise acerca da contemporânea produção de gênero. Longe de partir de uma origem histórica da época em que foi escrito o livro de Malba Tahan, “não pretendo partir de pontos de apoio para explicar acontecimentos provenientes do discurso, mas sim partir de acontecimentos para explicar como se inventaram pontos de apoio” (VEIGA-NETO, 2007, p. 69).

Quando problematizamos questões relacionadas ao gênero e à sexualidade colocamos em xeque a questão moral de um dado contexto social. Foucault direciona então seus estudos expandindo suas lentes para o campo da sexualidade, dando início à terceira fase, a qual alguns autores costumam chamar de fase ética de seus estudos. Não pretendo aprofundar-me nessa terceira fase, mesmo porque ela não foi concluída pelo filósofo, mas discutirei no próximo tópico deste trabalho como a ideia de gênero/sexualidade será abordada relacionando-a com o Foucault ético.

### 3.3 UM OLHAR QUADRIDIMENSIONAL DA FASE ÉTICA E SUAS AMBIVALÊNCIAS ACERCA DA SEXUALIDADE

Não compreenderemos essa terceira fase foucaultiana estudando condutas, comportamentos, práticas sexuais e explicações epistemológicas

---

<sup>19</sup> Entende-se “por moral um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos a aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo assim, compromissos ou escapatórias.” (FOUCAULT, 1998, p. 26)

<sup>20</sup> Veiga-Neto (2007) relata que a normalidade salientada em Foucault é o comportamento em relação à maioria. Portanto, é chamado de anormal “aquele cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada como um desvio, isso é, algo indesejável porque *des-via*, tira do rumo, leva à perdição.” (VEIGA-NETO, 2007, p. 90)

referentes à sexualidade, pois o que interessa é compreender alguns processos de diferenciação ao qual nos subjetivamos como seres de desejo. Quando nos referimos aos desejos levamos em consideração o que pode e o que não pode ser desejado, o que é moral e o que não é. Portanto a esses processos incluo uma quarta dimensão à análise foucaultiana (figura 4), compreendendo a fase ética (ser-consigo) como um operador dos saberes, dos poderes e da moral. Por mais que Foucault se autocritique em relação à sua arqueologia, seu pensamento expandiu-se, não sendo deixado de lado por pesquisadores que “adotam” sua linha de pesquisa. Por esse motivo enxergo suas fases como uma expansão de seus pensamentos.

**Figura 4 -** Quadridimensionalidade da Fase Ética



Da perspectiva foucaultiana, em que é traçada uma *História da Sexualidade*, o autor compreende que de fato há em demasia discursos sobre sexo que condicionam, estabelecem saberes e produzem verdades. Trata-se de uma invenção social com imensuráveis interdições condicionadas às relações de poder. Mas Foucault não vê esse poder como “um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou por um grupo sobre outro”, tampouco “o compreende postulando, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação”. Para Foucault

se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram uma nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1999, p. 88-89)

Expandindo essa ideia de um poder disciplinador, o conceito de biopoder<sup>21</sup> nos é conveniente para discutirmos o conjunto de práticas criadas a respeito de homens e mulheres, pois a criação das estratégias de dominação sobre o corpo e delimitações históricas acerca de gêneros tem um aparato político normatizador. A compulsão por estabelecer normas que regulam determinado grupo social vincula-se aos sistemas jurídicos de lei, o qual, por exemplo, reduz em sua inscrição cultural o sexo, relacionando-o a fatores biológicos. Já a questão do gênero, Joan Scott (1995) – herdeira do pensamento de Simone de Beauvoir – discute essa nomenclatura e relata que o vocábulo passou a ser utilizados pelas feministas como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Entretanto, da perspectiva pós-estruturalista, não é pertinente dicotomizar o significado dessa palavra referindo-se ao gênero masculino ou feminino, ou ainda dizer que o sexo está para a natureza assim como o gênero está para a cultura, pois “se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo” (BUTLER, 2008, p. 25).

Quando afirmamos que o gênero é uma construção cultural compreendida em um conjunto de leis, fixamos e limitamos seu significado tanto quanto a biologia o faz com o sexo. Nessa delimitação o corpo aparece como um dispositivo no qual significados culturais são inscritos, ou ainda como uma vontade de apoderação de normas que determinam significados culturais relacionados a este ou àquele corpo (seguindo a dicotomização homem/mulher). Mas tendo que o próprio corpo é em si mesmo construído, o gênero aparece como uma construção da construção do corpo. Assim não podemos afirmar que o sexo e o gênero apresentam significados fixos, tampouco livres; cabe analisarmos discursos que sugerem limitações hegemônicas em relação a essa problemática.

Tratando-se da categoria *mulheres*, evocam-se discursos de sua própria historicidade ressaltando suas vozes silenciadas em suas dimensões repressivas. Numa linguagem de cunho falocêntrico, Terry Eagleton (1983, p. 143) se refere à mulher como o “não-homem, o homem a que falta algo”, constatando a mulher como o não representável. Na tentativa de explicar representações referentes à mulher, as primeiras feministas teorizaram a problemática da mulher inserida em uma constituição hegemônica preestabelecida. A ideia doméstica de

---

<sup>21</sup> “Poder de controlar as populações, poder de controlar o ‘corpo-espécie.’” (LOURO, 2001, p. 41)

mulher, que tinha apenas o papel de cuidadora (da casa, da família, do marido, dos filhos), gerou certa inquietação nas mulheres, que iniciaram a luta por seus direitos de igualdade na relação homem/mulher. Tal diferença, porém, estabeleceu-se de acordo com as transformações sociais e nas relações de poder que caracterizavam cada época. Essa intervenção feminina na sociedade masculina (não doméstica) possibilitou o aparecimento da mulher na sociedade como um todo, inclusive na Ciência.

A fabricação da diferença entre menino e menina consolidou-se na escola, assim como a fabricação de diferenças religiosas, de raça, de classes sociais, de hierarquias. Há na instituição “escola” uma vontade avassaladora de classificar sujeitos na tentativa de uma organização social, inclusive no que diz respeito às atribuições de corpos. Apesar do foco deste trabalho não estar voltado para uma instituição, é por meio desta que a disciplinarização do corpo, inclusive do pensamento, se faz presente. Fruto dessa vontade de classificar sujeitos, para afirmar com veracidade aptidões atribuídas a meninos e meninas, é facilmente possível encontrar livros, artigos em revistas ou em páginas da internet, que articulam dados científicos valendo-se da autoridade científica para garantir afirmações a respeito dos cérebros feminino e masculino relacionando habilidades.

Para Louro (2001), dentre os diversos espaços e instâncias em que se podem observar desigualdades, a linguagem é o mais persistente, por constituir a maioria de nossas práticas e por comumente parecer “natural”. A linguagem não expressa apenas relações e poderes, ela os institui. Exemplos aparentemente banais, que soam naturalmente para grande parte das mulheres, são as frases que abrangem mulheres e homens as quais estão sempre no masculino, ou seja, dirigir a palavra a um grupo de pessoas, homens e mulheres, os substantivos e adjetivos costumam prevalecer no masculino. São frases como “você são ótimos alunos” ou “os últimos serão os primeiros”, direcionadas para um grupo de pessoas de ambas as categorias: homem ou mulher. Desse modo a linguagem estabelece e educa os sujeitos, (re)afirmando a presença hegemônica do falocentrismo. É justamente esse “soar natural” presente na linguagem que iremos problematizar.

Pelo fato de a linguagem ser uma das principais *estabelecedoras* de comportamentos e discursos, escolhi um objeto em que se faz presente a linguagem: o livro escrito. Uma das definições de linguagem para Foucault (2005, p.

140), é “o murmúrio de tudo o que é pronunciado e, ao mesmo tempo, o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos”.

Mas para discorrer a respeito dessa linguagem escrita no livro focalizando-a na relação mulher-matemática, precisaremos expor algumas nomenclaturas citadas ao longo deste trabalho. Nomenclaturas referentes aos estudos de gênero, tais como gênero, sexo e sexualidade. O próximo tópico cuidará disso.

### 3.3.1 A tríade delimitadora dos estudos de gênero: sexualidade – sexo – gênero.

Foucault foi um dos pioneiros a estudar como a compreensão da sexualidade e da Ciência Sexual desperta olhares científicos, religiosos, políticos ou psiquiátricos. O jogo de proibições e interdições instituídas no quesito sexualidade, afirma Foucault (1999), atravessou cerca de três séculos. Reprimiram-na, normatizaram-na, regularam-na, delimitaram-na.

Como diz Foucault, a sexualidade também já foi vista como “uma ciência essencialmente subordinada sob o imperativo de uma moral, cujas classificações reiterou sob as formas de normas médicas” (FOUCAULT, 1999, p. 54). Em meio a essa história da sexualidade, produziram-se normas, sonhando, interditando, ocultando casos isolados e particulares da sexualidade, denominando-os como aberrações ou perversões, patologizando tais casos.

A necessidade dos sujeitos de inserirem-se em uma categoria, a busca por uma identidade, e neste caso no campo da sexualidade, deu voz às minorias sexuais. Minoria não no sentido numérico, mas sim no sentido de um grupo silenciado por séculos que luta por espaço na sociedade. Falo aqui dos grupos homossexuais, bissexuais, transexuais ou qualquer outro grupo que não esteja engajado na heteronormatividade compulsória. Não há como pensar em questões feministas sem nos remetermos à teoria *queer*. Poderia falar aqui de sexualidade, sexo e gênero sem mencionar a teoria *queer*, mesmo porque não é o foco central deste trabalho, porém estaríamos ocultando os problemas de gênero presentes em nossa sociedade. A sexualidade carrega sobre si uma historicidade que por muitas vezes foi ocultada, em diferentes épocas. Já foi proibido, profano, transgressivo, imoral, falar de sexualidade. Hoje esse tema é alvo de pesquisas em diversas áreas.

Assim, não posso deixar de citar um pouco da teoria *queer* e simplesmente aceitar que não há os problemas de gênero.

Louro (2008) relata que essa teoria nos permite “pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2008, p. 47).

Para Thomaz Tadeu, a teoria *queer*,

efetua uma verdadeira revolta epistemológica. A teoria *queer* quer nos fazer pensar *queer* (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar. (...) Pensar *queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 2000, p. 107)

Ao pensar o impensável, o proibido, levantamos a seguinte questão: O que é mulher? Se existisse uma resposta definitiva a tal pergunta, facilitaria nosso trabalho, pois vivemos sempre em busca de uma verdade acima de nós mesmos. Mas essa pergunta é irrespondível. O que existe são representações de mulheres que se ajustam aos variados quadros sociais, principalmente aos valores morais. Colocamos a relação mulher-matemática como factível para todas aquelas que se consideram, sentem-se ou simplesmente são mulher, independente de qualquer outro fator determinístico na *Scientia Sexualis*.

Foucault, ao tentar compreender a história da sexualidade, colocando em evidência as relações de poder que delimitam uma “norma” sexual específica, foi um grande motivador para teóricos *queer*. Butler, compartilhando dos estudos do filósofo, reafirma o caráter discursivo acerca da sexualidade, mas também produz concepções a respeito da tríade sexualidade, sexo e gênero. A autora aduz que “normas regulatórias” a respeito do sexo são constituídas pela sociedade e dão continuidade a partir da estilização e repetição do discurso (BUTLER, 2008).

Ao abordar o tema sexo, logo pensamos num caráter unívoco do mesmo, pois discursos sociais nos colocam que uma pessoa, por exemplo, é de “tal” sexo, e não pode ser de outro. Essa noção de unívoco está imersa em relações jurídicas de poder que ocultam as diferenças em nossa sociedade, produzindo uma norma intacta e autossuficiente. Para Butler, o sexo “pertence a um sistema de

heterossexualidade compulsória que claramente opera através de um sistema de reprodução sexual compulsória” (BUTLER, 2008, p. 161).

O sexo tomado como a leitura de características físicas pertencentes a uma ordem natural aparentemente nos remete à ideia de que é externo à linguagem. Porém o que considero neste trabalho é seu caráter discursivo, pois sexo associado a um corpo sexual, às características sexuais de dado corpo (por exemplo, órgãos genitais e seios) é nada menos que uma fabricação discursiva. A associação da regra masculina ou feminina às características sexuais remete-nos às características do corpo normatizado. Em *Vigiar e Punir*, um dos temas abordados por Foucault é como o corpo é investido nas relações de poder, como sujeitos são regulados por meio do corpo. Fazendo uma conexão com a sexualidade, de fato também há uma vontade de regular o sexo, e nada mais conveniente que isso se dê por meio do corpo. Mas aí estão também regulamentados comportamentos atribuídos a cada sexo, surgindo a questão do gênero.

Seria então gênero um ato? Considerando o que Butler escreve a respeito disso, que se trata de uma performance repetida<sup>22</sup>, não poderia ser apenas um ato (ou um conjunto de atos). Talvez um efeito da repetição estilizada desses atos. No entender de Butler (2008),

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2008, p. 200)

Agora que chegamos à questão do gênero, ponto crucial deste trabalho, coloco sua relação não com gestos, movimentos ou estilos corporais, mas a relação do gênero com a matemática. Existe uma atribuição do gênero, constituído tão contingencialmente e discursivamente quanto o sexo, com a matemática? A historicidade científica nos dá indícios de uma Ciência masculina. Na construção de ideias sobre raciocínio, desde o período iluminista, a mulher foi excluída, o macho da espécie historicamente foi visto como o ser pensante. No século XX mulheres destacaram-se no meio científico, e, com a ascensão dos estudos feministas vêm modificando o constructo do quadro científico. Nessas mudanças constantes encontramos no discurso representações de gênero da mulher em relação à matemática.

---

<sup>22</sup> Butler utiliza a palavra “performance” depois de analisar a/o travesti. A autora diz que a/o mesma/o “imita” um gênero já estabelecido pré-discursivamente.

Sexualidade, sexo e gênero são elementos que delimitam a produção de mulheres. Não podemos definir tais elementos separadamente, uma vez que um conceito produz outro conceito. Essa tríade é uma fabricação, um produto inerente ao discurso e às relações de poder na qual é instituída e ao mesmo tempo se institui. A temática sexualidade – envolta por uma heteronormatividade compulsória –, a questão sexo – envolta em um sistema de reprodução sexual compulsório –, e a expressão “gênero” – envolta por suas múltiplas abordagens estereotipadas –, estão sendo articuladas no decorrer deste trabalho. Procuo neste capítulo passar ao largo da prescrição “isto é sexualidade”, “isto é sexo” ou “isto é gênero”. Há um engendramento entre os elementos da tríade delimitadora dos estudos de gênero que segue ao longo das análises nos próximos capítulos.

## 4 PRODUZINDO MALBA TAHAN

Para o desenvolvimento deste capítulo farei uma análise da entrevista com Malba Tahan realizada, como já visto, no Museu da Imagem e do Som em 1973. Dentre as diversas maneiras de apresentar Malba Tahan, valer-se de uma fonte primária, a qual está disponível em áudio, tece uma aproximação mais intrínseca com o autor. Desde já ressalto que Malba Tahan é o pseudônimo, criado por ele mesmo, de Júlio César de Mello e Souza.

A análise será feita com o intuito de entender como o autor Malba Tahan é representado a partir do que ele fala.

### 4.1 ECCE MALBA TAHAN<sup>23</sup>

Em meio às diversas maneiras de apresentar o autor Malba Tahan, escolhi fazê-lo por meio de uma fonte primária, que nos possibilita ouvi-lo. Das quarenta e três páginas de transcrição da entrevista, foi preciso selecionar excertos para a realização deste trabalho. Para tanto procurei salientar episódios da entrevista que demonstrassem particularidades de Malba Tahan (inclusive o uso de seu curioso pseudônimo), possibilitando a procura de como Malba Tahan chegou a ser o que é, e episódios em que o autor tratasse da mulher e da matemática. Como a segunda parte da análise deste trabalho é voltada diretamente ao livro *O Homem que Calculava*, foi, para mim, produtivo e conveniente conhecer um pouco da historicidade<sup>24</sup> do autor, ou o que ele pensava a respeito de si mesmo, escutando suas experiências pessoais e procurando compreender suas intenções e sua motivação para escrever de um modo particular seu. Portanto, na referida análise do “falar de si”, estudei questões biográficas do autor contadas por ele, e procurei observar, sobretudo, o que foi dito e salientado sobre ele mesmo e suas práticas.

Os dados biográficos de uma pessoa nos dão a ideia de onde ela veio para ser o que é. A primeira pergunta de Neusa Fernandes (entrevistadora de Malba Tahan) dirigida ao entrevistado é:

<sup>23</sup> O trocadilho com o *Ecce Homo* apresentado por Nietzsche, neste tópico é a tentativa de dizer quem é Malba Tahan por Malba Tahan.

<sup>24</sup> Insisto em ressaltar o caráter transitório com que a história é tratada; por esse motivo o uso da palavra “historicidade”, pois estou me valendo do presente para mostrar o passado, e não o contrário. Uma das definições que podemos atribuir a tal palavra é “a importância histórica que, às vezes, se atribui também a fatos presentes e contemporâneos” (ABBAGNANO, 2007, p. 508).

*N. F.: Professor Malba Tahan, em primeiro lugar, por favor, o senhor poderia nos dar os seus dados biográficos?*

As primeiras referências dadas pelo autor são o local e a data de sua nascença bem como o lugar onde passou sua infância: a cidade de Queluz – SP. Ao recordar-se da infância, Malba Tahan relata fatos que engendram sua notável personalidade, que até então eu só conhecia por intermédio de seus contos e histórias, que mesclam literatura, orientalismo<sup>25</sup> e matemática. Filho de militar, o autor narra sua trajetória educacional até chegar a estudar no Colégio Militar do Rio de Janeiro, e pilheria em tom anedótico a coleção de sapos da qual teve de desfazer-se ao chegar ao Rio de Janeiro. Ao enunciar que seus aproximadamente cinquenta sapos eram obedientes e disciplinados por ele mesmo com o uso de um chicote, percebi a valorização da disciplina presente na fala do autor. Mesmo que não esteja referindo-se a pessoas, e sim a determinado anfíbio, notei a necessidade do autor mencionar que desde a sua infância já zelava por disciplina.

Ao Malba Tahan narrar fatos de sua educação e fatos de sua infância, mesmo que as perguntas da entrevistadora não sejam diretamente essas, o autor demonstra um “autoconhecimento” no qual se controla, impõem-se normas, disciplina-se e regula-se. Larrosa denomina esse processo de falar de si como o resultado de um processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam discursos que definem a verdade do sujeito, ressaltando que

a experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (LARROSA, 2010, p. 42)

A relação do autor com seu nome e seu pseudônimo surgiu a partir do momento que ele ansiava pela notoriedade de seus escritos. Formado na Escola Naval, professor primário e engenheiro civil, Malba lecionou história e geografia mesmo sem ter formação específica para tal. Em 1918 começou a trabalhar no jornal *O Imparcial*, em que escrevia contos e assinava como J. C. Mello e Souza; contos que jamais eram publicados. Então resolveu assinar como *R. S. Slady* e

<sup>25</sup> Refiro-me ao orientalismo inventado pelo ocidente. Para SAID, 1996, “o orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) “o Ocidente”. Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como o ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, “mente”, destino e assim por diante”.

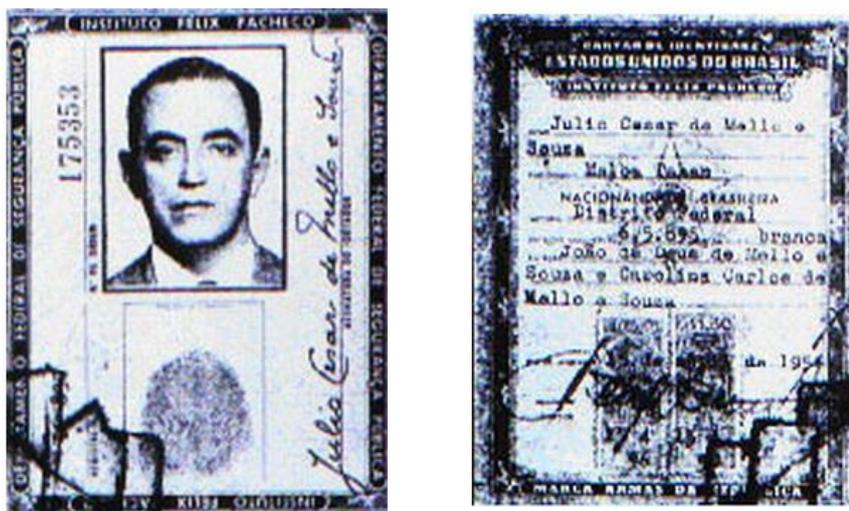
notificar o diretor do jornal que eram contos de um escritor americano. Assim, seus contos, com o novo pseudônimo, foram publicados na primeira página do jornal.

A partir daí o autor resolve fazer o que chama de mistificação literária, e publica seu primeiro livro, *Contos de Malba Tahan* (1925), ressaltando na própria edição do livro: “tradução e notas de Breno Alencar Bianco” (também inventado). Somente oito anos depois da publicação do primeiro livro de Malba Tahan é que descobriram que o escritor era Julio César de Mello e Souza. A descoberta foi feita pela poetiza Rosalina Coelho Lisboa, que telefonou para Malba Tahan “acusando-o” de ter mentido sobre a tradução de um dos *Contos de Malba Tahan*. O autor ressalta na entrevista:

*M. T.: (...) Eu fiz crer aos brasileiros que Malba Tahan era um árabe que morreu em combate lutando pela liberdade em uma tribo na Arábia Central. Bayron foi combater pela Grécia. Pois Malba Tahan foi combater por uma tribo. E assim, os brasileiros leram Malba Tahan convencidos de que era um árabe. Só oito anos depois de sair o meu primeiro livro é que eu revelei. Mas, durante oito anos o Brasil todo leu Malba Tahan...*

Assim, Malba Tahan foi conquistando a notoriedade que tanto almejava, e após a publicação de seus primeiros livros com o pseudônimo escolhido por ele, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras pela obra *O Homem que Calculava*, publicada em 1938. O pseudônimo de Julio César de Mello e Souza foi incluído em sua identidade com a condescendência do então presidente da República Getúlio Vargas.

**Figura 5** - Imagem da carteira de identidade de Malba Tahan



Fonte: <<http://malbatahan.com.br/documentos.php>> Acesso em: 03/03/2012.

O autor justificou a escolha do nome Malba Tahan em alguns artigos publicados, os quais Oliveira (2001) menciona:

Malba, em árabe, designa da raiz de certa planta pertencente à família das marantáceas (araruta). Acredita-se que tenha existido no lemen (Arábia), pequeno oásis denominado Malbher.

Tahan, significa o moleiro, isto é, aquele que prepara o trigo.

O verdadeiro sentido de Malba Tahan seria, portanto: “O Moleiro de Malba”, mas escolhi Tahan, por causa de um sobrenome de uma aluna minha – Maria Zechsuk Tahan. (OLIVEIRA, 2001, p. 49)

Na historicidade da Educação Matemática no Brasil, observamos uma quantidade considerável de publicações de Malba Tahan. Contando com seus livros didáticos – alguns deles com a colaboração de nomes de grande importância para a Educação Matemática, como Euclides Roxo e Irene Albuquerque –, no total são cento e dezenove obras<sup>26</sup>. Foucault (2002) evoca questões suscitadas pelo uso do nome de um dado autor. Seu reconhecimento está diretamente ligado a seu nome próprio (no caso de Malba Tahan, o nome que ele se deu). Quando dizemos “Malba Tahan”, emprega-se uma palavra que é equivalente a uma descrição ou a uma série de descrições definidas, como por exemplo: “O autor de *O Homem que Calculava*”, “o autor do problema dos camelos” etc. Mas isso não significa que o nome do autor tenha uma significação: a conexão de um nome próprio (Malba Tahan) com o indivíduo nomeado e a ligação do nome do autor com o que ele nomeia não funcionam da mesma maneira. Para Foucault:

Um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. (...) para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status. (FOUCAULT, 2002, p. 20)

Conferindo esse *status* de autor, a relação de Júlio César de Mello e Souza com pseudônimos iniciou-se na infância quando, aos 10 anos, criou e escreveu sua própria revistinha, a qual chamou de “ERRE”, e quando em 1908 assinou como “Salomão IV” em vez de Júlio César. O fascínio que esse autor demonstrava pelo orientalismo se faz presente em suas publicações repletas de xeiques, expressões islâmicas, nomes com o prefixo “Al”, entre outros signos que o ocidente atribui ao oriente. A inclinação de Malba Tahan pela cultura árabe, como o

<sup>26</sup> Disponível em: < [http://www.malbatahan.com.br/bibliografia\\_completa.php](http://www.malbatahan.com.br/bibliografia_completa.php) >

próprio autor justifica, é advinda de suas leituras dos contos de *As Mil e Uma Noites* desde sua infância.

**N. F.:** (...) Por que a sua preferência pelos temas orientais? Como começou isso? Alguma influência?

**M. T.:** Não, eu já expliquei aqui. Eu já contei o caso do Leônidas Rezende, “chumbo em cima!”. Eu tive que fazer uma mistificação literária, mas aonde que eu ia lançar esse escritor. Americano não podia ser. Europeu também não queria. Tinha um escritor chinês, não... Japonês, ih! povo meio fanático, indiano. Uhhh, que confusão danada! Olha, qual é o povo que se notabilizou pelas histórias? “As mil e uma noites”, povo árabe. Então, cai lá na Arábia.

**Figura 6** - Revista ERRE, com o pseudônimo “Salomão IV”.



**Fonte:** <<http://malbatahan.com.br/documentos.php>> Acesso em: 03/03/2012.

Quando procuramos entender as estratégias que o autor utilizou, desde sua infância, a sua relação com pseudônimos, e compreender sua historicidade a partir do momento que fala de si mesmo, isso não nos leva a decifrar os pensamentos “ocultos” de Malba Tahan, intrincados em sua natureza humana, mas nos faz compreender que tal experiência, de falar de si, é o resultado complexo de uma construção e fabricação histórica de discursos que se sobrepõem delimitando a verdade do próprio sujeito. Trata-se de práticas submersas em relações de poderes que regulam seu comportamento (LARROSA, 2010). Essas relações de poderes estão ligadas ao próprio *status* social e à imagem do autor. Por ser um professor prestigiado, com muitos livros publicados, há um jogo de interesses para sua própria promoção, uma vez que um autor vive da renda auferida com a comercialização de seus livros.

Malba Tahan define e elabora sua identidade ao enunciar para outrem peculiaridades procedentes de sua biografia. Quando lhe foi perguntado quanto aos dados bibliográficos e ele se estendeu contando situações pessoais de sua infância, o que se observa não é apenas o discurso produzido por Malba Tahan, mas também o Malba Tahan produzido pelo seu próprio discurso.

Há um momento da entrevista em que Malba Tahan se equipara à virtude; é quando a entrevistadora Neusa Fernandes pergunta-lhe quantos irmãos possui. Sem hesitar, Malba responde prontamente:

*N. F.: E quantos filhos são? Seus irmãos?*

*M. T.: Éramos nove. Eu era o do meio. Quatro acima de mim e quatro abaixo. Já diziam os romanos que no meio está a virtude.*

Ao responder à pergunta, o autor faz menção a uma frase aristotélica que enfatiza o fato de que entre os vícios por deficiência e os vícios por excesso aí está a virtude (SILVA, 1998). Particularmente, observo uma autopromoção, uma magnificência imodesta em relação a ele mesmo. Por mais que observemos na entrevista – principalmente quando a escutamos e associamos as entonações de voz – que o autor tem uma disposição exultante e jocosa, noto uma vontade de construção da verdade acerca de si, e, estudá-la, em sua descontinuidade histórica, significa investigar sobre formas de produzir sujeitos numa cultura e suas diferentes modalidades de subjetivação.

Em meio às palavras de Malba Tahan, quando as escuto (ou até mesmo as leio), ocorrem-me perguntas que não cabe a mim respondê-las, nem mesmo ao próprio autor, mas me faz pensar se todo o seu falar de si, como ele mesmo expõe, não seria resultado de uma construção subjetivamente interessada. O autor, como produtor de obras que são e serão comercializadas, não estaria fazendo uma propaganda dele próprio? Ao enunciar suas peripécias, não estaria o autor, mesmo que subjetivamente, ostentando-se para a posteridade, sabendo ele que sua entrevista estava sendo gravada para ser arquivada em um museu? Trata-se de uma autoafirmação de seu *status* de autor.

Em determinados momentos da entrevista, Malba Tahan fala dele mesmo envaidecendo-se de suas produções, de seus acontecimentos, da educação que lhe foi concedida, dos seus feitos. Não classifico seu discurso faustoso como uma característica da natureza humana de Malba Tahan. Mas ressalto que entre seus ditos e não ditos há uma relação de poder e de *status* diante de uma sociedade moralista que se apodera de valores julgando-os politicamente corretos.

## 4.2 MINHA TERRA TEM PALMEIRAS ONDE CANTA O SABIÁ

Malba Tahan, embora professor de matemática, afirma não ter tido uma paixão pela disciplina. Sua mãe, Carolina Carlos de Mello e Souza, professora primária, influenciou a maioria de seus filhos a lecionarem, e Malba Tahan chegou a lecionar geografia, história, física e matemática. E na matemática prevaleceu.

*M. T.: Teve um professor que eu tive, chamava-se Henrique César de Oliveira Costa, Costinha. Foi meu amigo, mas depois se separou de mim. Esse foi um bom professor e eu tomei gosto pela matemática com ele. Mas, quando eu me dediquei ao magistério, resolvi ensinar História, mas não gostei. História a gente tem que ler livros, revistas... É muito difícil. Depois passei a ensinar geografia. Geografia, também não gostei porque a gente tem que estar a par de países que ficam independentes, que viram República e não sei o quê. Eu disse assim: “Melhor não ensinar geografia”. Então, comecei a ensinar física, mas física tem laboratório é muito trabalhoso. “Sabe de uma coisa, melhor mesmo é ensinar matemática”. Porque matemática é essa coisa, não varia. E passei, então, a ser professor de Matemática.*

A solidez e a certeza que a matemática traz como garantia para suas verdades, seus cálculos que servem de ferramenta para comprovar sua eficácia, sua invariância, como o próprio Malba Tahan a diferenciou em relação às outras disciplinas que lecionou, muito me fazem pensar sobre a busca por uma segurança indiscutível. Não pretendo aqui questionar se a matemática muda ou não, mas sim ressaltar que a matemática, em sua historicidade, foi composta por discursos que lhe asseguravam uma verdade confortavelmente durável.

Na famosa frase pitagórica “Os números governam o mundo”, há uma relação de hierarquia do “mundo” para com a matemática (porque ao pensar em matemática já a associamos aos números). Não é de admirar que inclusive há um livro de Malba Tahan que leva essa frase como título, (re)afirmando a matemática como uma Ciência que governa, que domina. Compreendendo a matemática como um “complexo feixe de relações que funcionam como regra” (FOUCAULT, 2008, p. 82), ou seja, compreendendo-a como uma formação discursiva, os discursos decorrentes dessa formação estão intrincados em um conjunto de regularidades que enunciam o discurso matemático. Malba Tahan concedeu a entrevista como já referi, no Museu da Imagem e do Som do Rio de

Janeiro em 1973, momento histórico em que o currículo tradicional<sup>27</sup> ainda estava incrementado no país, época em que a Ciência da verdade<sup>28</sup> ainda era pouco questionada.

A matemática sólida e abstrata, não contextualizada, foi ensinada durante décadas. O questionamento da neutralidade do currículo tradicional iniciou-se na década de 70, porém só na década seguinte pesquisas nessa área começaram a se fortalecer. Até então,

quem detinha o poder definia quais seriam os conhecimentos e os valores universalmente aceitos. Esses conhecimentos eram de quem possuía esse poder e visavam juntamente a conservação desse poder por quem o detinha. (SILVA, 2013, p. 209)

Podemos perceber um exemplo disso em um trecho da entrevista de Malba Tahan, quando lhe é perguntado como ele começou com a recreação para incentivar os alunos ao estudo da matemática:

*M. T.: Eu comecei inventando jogos de recreações de matemática. Então, inventei uma porção de jogos. Uma vez, eu tinha que lecionar a uma turma de meninas de um colégio em Copacabana e tive que ensinar uma fórmula de trigonometria **complicada para elas**. Que “seno de  $(a + b) = \text{seno } a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. Negócio complicadíssimo. Eu sabia que aquelas meninas não iam ser engenheiras **nem nada. Elas iam se casar, e acabou e não se pensava mais nisto**. Mas, eu tive que ensinar aquele negócio, “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. Notem os meus ouvintes que isso não tem dificuldade nenhuma; “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ” são números. Agora, a gente pode, se quiser, complicar porque é bom sempre complicar um pouco, porque aquele que não se entende a gente venera. “seno  $a \cdot \text{cosseno } b$ ” não vale nada, a gente ensina em 10 minutos para qualquer pessoa. **Mas, eu, como é que eu vou ensinar uma fórmula para as meninas; “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”? Para elas decorarem? Então, eu cheguei na aula e disse: “Eu vou dizer um verso, e vocês todas depois de eu dizer o verso vocês dizem ‘seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ’. Vou declamar, heim, atenção!”. Então, comecei: “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”. Elas todas: “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. “Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá”. “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. “Sem que desfrute os primores que não encontro por cá”. “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ ”. Fiz isso umas quatro ou cinco vezes para a turma e elas todas decoraram a tal fórmula. “Qual é a fórmula do Seno?” Elas: “seno  $a \cdot \text{cosseno } b + \text{seno } b \cdot \text{cosseno } a$ .”<sup>29</sup>***

<sup>27</sup> Para Silva (2010) o currículo tradicional releva as tendências tecnicistas. Sob esse olhar, toda escola deve funcionar como uma empresa relacionada à indústria, e seus elementos principais – ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência, objetivos – são enfatizados como essenciais para o funcionamento dessa instituição chamada escola que “vende/oferece” saberes por meio das disciplinas e conteúdos.

<sup>28</sup> Destaco o uso de tal expressão. Refiro-me à Ciência intacta, que sempre existiu e apenas foi descoberta. Vale lembrar que a Ciência também está intrincada em relações de poderes, inclusive no meio social.

<sup>29</sup> Grifo meu.

Ao escutar Malba Tahan falando o excerto acima, e ao lê-lo na transcrição da entrevista, finalmente consegui extrair, com boa mão de ajuda foucaultiana, alguma relação dos dispositivos disciplinares que são inscritos na mulher, entre a menina – inserida na categoria mulher – e a matemática aos olhos do autor, já direcionando para a relação mulher-matemática. Quando o autor menciona, referindo-se à sua turma de meninas, que “elas iam se casar”, assume pré-discursivamente uma condição de mulher – a condição de “nascida para casar e procriar”. Além disso relaciona a matemática ao casamento – elas que não deveriam aprender matemática porque iam casar.

Há na sociedade – ou houve, pois estudos e movimentos feministas estão lutando para mudar esse quadro – uma vontade de apoderação de normas que são típicas de determinados corpos. A escola fez essa separação muito bem quando no princípio de sua existência dividiu-se em instituições específicas para meninos e para meninas. As escolas femininas “dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens ‘prendadas’. As marcas de escolarização se inscreviam assim nos corpos dos sujeitos” (LOURO, 2001, p. 62).

De fato relacionar esse lacônico episódio da vida do autor com seus escritos em *O homem que Calculava* não nos faz compreender o inconsciente de Malba Tahan, nem é minha intenção. Segundo Foucault (2005), sabemos que autor é autor e obra é obra, a obra não é o inconsciente do autor. Porém, Malba Tahan foi a delimitação do termo “mulher-matemática”, que aparece tanto na experiência de si do autor quanto na obra *O Homem que Calculava*.

Analisando o episódio acima transcrito percebo que quando Malba Tahan relata que precisaria ensinar para uma turma de meninas a “fórmula do seno”<sup>30</sup>, que seria complicada para *elas*, o autor atribui que matemática não é para meninas, ou que não é para *aquelas* meninas, quiçá julgando a capacidade intelectual delas.

Mas por que a fórmula seria complicada para elas?

Por que aquelas meninas não poderiam aprender a fórmula como de costume que Malba Tahan ensinava com o *status* de professor?

---

<sup>30</sup> O que o autor chama de “fórmula do seno” durante a entrevista é a fórmula do seno da soma de dois arcos.

O autor justifica que elas não iriam ser engenheiras e que iriam casar, portanto, seria complicado para meninas nessa condição aprender uma fórmula tão *complicadíssima*, como disse Malba Tahan.

De tantos anos de carreira de professor do autor, não nos é relatada a época do acontecimento. Certamente, na nossa condição cultural de hoje tal fato não se enredaria da mesma maneira. A historicidade da mulher antes dos anos 70 ainda estava ofuscada. Simone de Beauvoir e outras feministas ainda não tinham dado voz àquela que era silenciada. A mulher ainda era um “não homem”. Sua relação com o mundo ainda estava à mercê do homem e sua predestinação ao matrimônio era sólida para a época.

Na arguta análise-denúncia crítica de Walkerdine, a mulher foi criada para seguir pudicamente as regras que lhe são impostas pela sociedade. Graças aos estudos feministas tal “verdade” atualmente está se desvanecendo. Porém, levando em consideração o tempo em que viveu Malba Tahan e o ano em que foi realizada a entrevista em questão, o autor associa o Ensino da Matemática para as meninas com a repetição e a memorização. Quiçá, em razão do contexto educacional brasileiro de então os meninos também fossem submetidos a repetir e memorizar. A repetição, todavia implica disciplina, obediência, substantivos que podemos associar aos estudos de Walkerdine (1995), a qual fala que meninas são acusadas de irem bem na escola porque trabalham muito, seguem regras e comportam-se adequadamente. Há indícios no discurso de Malba Tahan de que suas alunas eram obedientes e seguiam uma regra criada por ele no âmbito da sala de aula: “*Eu vou dizer um verso, e vocês todas depois de eu dizer o verso vocês dizem ‘seno a. cosseno b + seno b. cosseno a’*”. O que questiono é se a conduta do professor seria a mesma se fosse uma turma de meninos. A feminilidade do poema de Gonçalves Dias foi associada à masculinidade da fórmula do seno da soma de dois arcos. Ao afirmar isso, eu mesma, como pesquisadora, estou atribuindo significações às questões de gênero, ditando aptidões relativas a cada um. Mas é nesse jogo de poder entre homem e mulher que verdades relativas ao gênero são enunciadas e reenunciadas. O discurso do professor Malba Tahan, assim como suas práticas como professor, são consequências de um devir, e desse modo sua fala também está sujeita a outro devir. Trata-se de uma sequência descontínua de devires que se organizam e se reorganizam em meio às relações de poderes nas transformações do mundo em contexto sociocultural.

Mais adiante na entrevista, Malba Tahan nos conta o “sucesso” desse *jogo de recreação matemática*<sup>31</sup> quando vai ao casamento de uma dessas alunas. De fato, uma das meninas daquela turma casou. E não duvido que todas tenham casado. Pergunto-me que instâncias se fazem presentes na fala de Malba Tahan por ele nos ter contado que foi no casamento de uma delas, como mostra o trecho abaixo:

*M. T.: Quando cheguei perto da noiva, eu vi que era uma das minhas antigas alunas lá do Copacabana. Eu disse: “Ah, é você?” Eu disse a ela: “Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá.” Diz ela: “seno a. cosseno b + seno b. cosseno a”. Para mostrar que nem na hora do casamento ela esqueceu o raio da fórmula. Para ver o que é o jogo em matemática. Só a matemática pode fazer essas sugestões muito interessantes.*

Malba Tahan disse isso para justificar que a aluna não esqueceu do que lhe foi “ensinado”. Foucault não observaria o que há por trás dos dizeres do autor, mas especularia o que sustenta esse discurso na superfície. A ênfase dada por Malba Tahan à expressão “nem na hora do casamento ela esqueceu o raio da fórmula”, assegura-lhe a “eficiência” de seu método. Mas não é a eficiência do método que está em jogo, e sim as instâncias inscritas no enunciado. A mulher, por estar casando, não necessitaria mais de tal fórmula, porém ela não a esqueceu, e porque ela deveria esquecer? Seria porque o casamento a remeteria somente a questões domésticas e não intelectuais?

Ao ter acesso à entrevista com Malba Tahan, procurei outros casos em que a mulher apareceria, mas o que encontrei foram alusões às mulheres que fizeram parte da história do autor, sua mãe, esposa, filhas. Diante do que foi tratado neste capítulo, anseio ter conseguido mostrar uma leitura minha de quem foi o autor Malba Tahan e como sua experiência do falar de si o constituiu como o autor de *O Homem que Calculava*.

---

<sup>31</sup> O autor Malba Tahan chama de recreação matemática essa relação entre a fórmula trigonométrica e o poema de Gonçalves Dias.

## 5 QUEM CALCULAVA?

O título da obra, *O Homem que Calculava*, é representado por uma figura masculina – homem – que pratica o ato de calcular. Apesar de a obra ter sido concebida em meados do século XX, tempo em que a condição cultural atribuía à mulher representações domésticas e subordinadas ao macho da espécie<sup>32</sup>, tal livro ainda circula vigorosamente nas livrarias de todo o país, suscitando algum tipo de representação para diferentes públicos. Os vestígios de uma mulher doméstica, educada para casar, herdados do século XIX, fizeram-se presentes não só no discurso de Malba Tahan (como visto na análise supra), como são perceptíveis também em sua personagem, na obra *O Homem que Calculava*, inserida na categoria mulher.

Quando falamos em categoria, ou seja, que a mulher, numa relação imanente, pertence a uma “categoria”, emprestamos este termo da feminista Judith Butler que desconstruiu o dualismo sexo/gênero que impulsionou a política feminista até a década de 80. Para Butler, não faz sentido que o sexo está para a natureza assim como o gênero para a cultura, pois o gênero

também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2000, p. 25)

No momento que passamos a questionar a solidez da definição de sexo, podemos conjecturar que o sexo é tão cultural quanto o gênero. Assim, qual seria a distinção entre sexo e gênero, se ambos são construídos e resignificados de acordo com a cultura e contingencialmente? Nenhuma!

Afirmar que há uma personagem na obra de Malba Tahan inserida na categoria mulher significa que tanto o sexo como o gênero são produções políticas pré-discursivas na qual age a cultura. Produções políticas em razão do significado do termo “política” em si, a arte de governar, de exercer algum papel, dirigir. Pré-discursiva em razão do discurso já pronto em relação à mulher, que somos levadas/os a aceitar como algo “natural” da mulher. E é exatamente essa pré-discursividade que aceitamos como verdade, como algo “natural”, que passo a questionar. Um dos significados atribuídos ao termo “categoria” é utilizado para referir-se às pessoas com determinada posição na hierarquia social; trata-se de uma

<sup>32</sup> A mulher ainda era vista como o “não homem”.

questão de *status* social. Pensando por esse lado, percebo que Butler, ao associar uma pessoa à categoria mulher, atribui uma representatividade à mulher, um destaque àquela que foi representada em torno da falocentria compulsiva.

Em função desse *status* da categoria mulher e de sua representação anterior à política feminista como o “não homem” ou a doméstica, a sociedade atribuiu discursivamente destrezas específicas à categoria mulher. Não faz sentido citar quais são essas destrezas, pois isso acarretaria uma afirmação pré-discursiva tomada como verdade, vincularia o gênero a uma essência do sujeito, mas, em certos trechos da obra, podem-se ver algumas representações e atribuições feitas ao gênero, à mulher ou ao homem.

Começemos pelo título da obra: *O Homem que Calculava*. Aparentemente é trivial, pelo próprio título da obra, deduzirmos que se trata da história de uma figura masculina (homem) que tem capacidades calculistas. No título da obra pouco importam as personagens, a história contada, o roteiro dessa história, mas o leitor já admite que nessa obra havia um homem que calculava.

O verbo “calcular” no passado deixa transparecer que se trata de uma história que aconteceu há algum tempo, ou, ainda, que o tal homem deixou de calcular. Claramente não é possível prever uma leitura a partir apenas do título da obra, quiçá essa nem seja a intenção de um leitor<sup>33</sup>, mas o título o instiga a pensar o até então impensável, a mergulhar em um universo desconhecido que o afugenta da trivialidade da linguagem convencional. Essa busca por um pensamento não pensado dá-se graças a uma procura pela verdade, que só existe enquanto há uma vontade de verdade (LARROSA, 2010). Particularmente, eis um exemplo dessa vontade de verdade: ao analisar eu mesma quando procurei o livro *O Homem que Calculava*, buscava uma verdade matemática soberana a todas as Ciências, e o impacto transgressivo com que o verbo “calcular” aparecia esboçado na capa de um livro, levou-me a ler suas páginas focalizando-me naquilo que eu procurava – a matemática –, e, assim, toda a subjetividade literária que maquinava a história tahananiana (que nada tem que ver com a subjetividade do autor) passava despercebida enquanto a verdade procurada estava nos números.

Vejamos, agora, na outra palavra – a qual nos interessa para o desenvolvimento deste trabalho – esboçada na capa do livro: “homem”. Quanto à

---

<sup>33</sup> Não cabe a mim generalizar as intenções de alguém quando procura uma obra para ler. Vale lembrar que esta é uma leitura particularmente minha sobre a obra em questão.

etimologia dessa palavra, originou-se do latim (*homo*) e significa “indivíduo”, “ser humano”. Por esse lado, o “homem” que se encontra no título da obra não precisa ser necessariamente uma pessoa que represente o sexo masculino. Mais que isso, “homem” culturalmente também generaliza todo e qualquer indivíduo. Isso é explícito em palestrantes iniciam sua exposição dizendo “boa noite a todos” num ambiente com mulheres e homens, por exemplo. Analisando por esse ponto de vista, a palavra “homem” contida no título nada diz a respeito da sexualidade do sujeito que calculava.

Afinal quem calculava? Uma mulher? Um homem? E por que gostaríamos de saber se era um homem ou uma mulher que calculava? Relacionar determinado sujeito a características sexuais ou de gênero é uma questão muito mais política que de representação<sup>34</sup>. Há uma vontade de constituir sujeitos fixos, com características fixas, sujeitos a serem representados, dando-lhes visibilidade como sujeitos políticos (BUTLER, 2008). Foucault (1999) relata que os sistemas jurídicos de poder produzem sujeitos que ulteriormente passam a representar. Portanto a necessidade de determinar sujeitos de acordo com o seu sexo, a necessidade de diferenciá-los na categoria homem ou mulher, é algo discursivamente constituído. Trata-se da busca por “verdade” do sexo que “se produz por práticas reguladoras, que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (BUTLER, 2008, p. 38).

Há uma necessidade de normatizar gêneros de acordo com o sexo biologicamente constituído. Contudo essa vontade de caracterizar pessoas como pertencentes a determinado sexo ou a determinado gênero aparece devido a uma linguagem – ou discurso – puramente hegemônica que denota formações de identidade. No âmbito dos estudos culturais e feministas, não faz sentido classificar os sujeitos, admitindo que fazemos parte de uma sociedade mutante, pluralista e até mesmo divergente. Sendo assim, rotular o sujeito caracterizando o seu pertencimento a algum grupo (étnico, de gênero, de classe, de raça) leva-o a intuir como se fosse rotulado em diferentes direções. É possível, assim, conjecturar o pertencimento do sujeito do título (homem) à categoria mulher ou homem, relacionando-o de acordo com seu sexo ou gênero (já mencionamos que tanto sexo

---

<sup>34</sup> Butler trata a “representação como termo operacional de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos. Porém, por outro lado, representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.” (BUTLER, 2008, p. 18)

quanto gênero são, ambas denominações discursivamente constituídas). Convencionalmente, o homem que calculava presente no título da obra pode ser compreendido como um ponto flutuante, não sendo possível designar atribuições e destrezas em relação ao sexo, tampouco ao gênero ao qual a pesquisadora Butler o desconstruiu. O protagonista da história, pelas características dadas na obra, aparentemente é homem. Pelo caráter pré-discursivo que age sobre nossa cultura somos levadas/os a crer que Beremiz é homem. O que coloco em questão agora é que não só o viajante calculava.

Tomando por base as ideias de Michel Foucault, é pouco produtivo centrar questionamentos a respeito do que a obra esconde ou o que a obra diz, mas sim focar questionamentos no modo como as coisas são ditas e suas significações, ao manifestarem alguma relação de poder entre as representações de gênero, entre a vontade de verdade em relacionar o sexo ao gênero.

Nos tópicos seguintes enunciarei alguns fragmentos da obra *O Homem que Calculava* os quais relacionam determinada personagem mulher e a matemática. Para iniciar tal enunciação, é relevante para o leitor a compreensão de alguns detalhes da obra em questão.

Beremiz Samir, personagem central da obra, é um viajante persa que desvenda situações matemáticas aparentemente insolúveis. No segundo capítulo é descrito como Beremiz aprendeu a lidar com os números e algumas especulações matemáticas. Nos capítulos seguintes o viajante resolve alguns problemas com ferramentas matemáticas de modo que causa admiração em todos a sua volta. Porém, a análise deste livro inicia-se no capítulo IX, momento em que uma personagem mulher entra em cena na ficção de Malba Tahan.

## 5.1 A MULHER E A MATEMÁTICA

*No qual recebemos a visita do xeique lezid, o poeta. Estranha consequência das previsões de um astrólogo. A mulher e a Matemática. Beremiz é convidado a ensinar Matemática a uma jovem. Situação singular da misteriosa aluna. Beremiz fala de seu amigo e mestre, o sábio Nô-Elin. (TAHAN, 2009, p. 62)*

O título do capítulo IX é particularmente interessante para os propósitos deste trabalho, especificamente porque a mulher é nele colocada como tema central. Nesse capítulo Beremiz é convidado a ensinar matemática para a filha de um xeique, pois as previsões de um astrólogo relatavam que Tessalim (filha do

xeique) seria feliz até aos 18 anos, e, após essa idade, se não aprendesse matemática, “*seria ameaçada por um cortejo de lamentáveis desgraças*”.

No título, composto por seis frases, a segunda e a terceira nos dizem: “*Estranhas previsões de um astrólogo. A mulher e a matemática*”. Como dito, um astrólogo previa que uma jovem teria de aprender matemática. Por que tal previsão seria estranha? Aí já percebemos uma relação entre a estranheza, mulher e matemática. Até então, na obra de Malba Tahan, a figura mulher estava condenada ao silêncio. Agora, quando ela aparece, vinculada à matemática, a obra nos adianta, já no título do capítulo, fortes adjetivações à figura feminina, tais como estranheza, singularidade, palavras que nos remetem a algo externo, bizarro e incomum. Esse discurso patriarcal, em que a mulher aparece desprovida de poder (nesse caso em relação à matemática), enquanto o homem é detentor do poder, produz uma cultura centralizada nas relações de poder masculino. Podemos “compreender a matemática como um sistema cultural”, como, “um sistema de significados constituídos por relações de poder” (KNIJNIK, 1996, p. 95). Nas palavras de Knijnik, para entender a matemática como um sistema cultural temos de

pensá-la não de forma abstrata, imune às lutas no campo simbólico que buscam manutenção ou ascensão nas posições do espaço social onde ela é produzida e reproduzida. Ao contrário busca-se entendê-la, enquanto uma das manifestações simbólicas em um determinado grupo social, relacionada com sua posição social, relacionada com sua posição de dominação ou subordinação no espaço social onde está inserido. (KNIJNIK, 1996, p. 96)

Por essa condição em que a mulher é colocada já no início do capítulo IX, ou seja, no próprio título, há, por meio do discurso, um sistema de significados que implica em destrezas relacionadas à mulher, ou melhor, a falta delas. Quando voltamos nossa atenção para a frase “*Situação singular da misteriosa aluna*”, percebemos que tal singularidade está em uma mulher aprender matemática.

*Procurei vários ulemás da corte, mas não logrei encontrar um só que se sentisse capaz de ensinar Geometria a uma jovem de 17 anos. Um deles, dotado, aliás, de grande talento, tentou mesmo dissuadir-me de tal propósito. Quem quisesse ensinar canto a uma girafa, cujas cordas vocais não podem produzir o menor ruído, perderia o tempo e teria trabalho inútil. A girafa, por sua própria natureza não poderá cantar. Assim, **o cérebro feminino, explicou esse daroês, é incompatível com as noções mais simples do Cálculo e da Geometria.** Baseia-se essa incomparável ciência do raciocínio, no emprego de fórmulas na aplicação de princípios demonstráveis com os poderosos recursos da lógica e das Proporções. Como poderá uma **menina**, fechada no harém de seu pai, **aprender fórmulas de Álgebra e teoremas de Geometria? Nunca! É mais fácil uma baleia ir a Meca, em peregrinação, do que uma mulher aprender Matemática. Para que lutar contra o impossível? Maktub! Se a desgraça deve cair sobre nós, faça-se à vontade de Allah!***

(...)

- *Xeique generoso!* – retorquiu prontamente Beremiz. – *Não vejo motivo para deixar de atender ao vosso honroso convite. Em poucos meses poderei ensinar à vossa filha todas as operações algébricas e os segredos da geometria. Erram duplamente os filósofos quando julgam medir com unidades negativas a capacidade intelectual da mulher. **A inteligência feminina quando bem orientada, pode acolher, com incomparável perfeição as belezas e os segredos da ciência!** Fácil tarefa seria desmentir os conceitos injustos formulados pelo daroês. Citam os historiadores vários exemplos de mulheres que se notabilizaram por sua cultura matemática. Em Alexandria, por exemplo, viveu Hipátia, que lecionou a ciência do cálculo a centenas de pessoas, comentou as obras de Diofante, analisou os difíceis trabalhos de Apolônio e retificou todas as tabelas astronômicas então usadas. Não há motivo para temores ou incertezas, ó xeique! A vossa filha facilmente aprenderá a ciência de Pitágoras. Inch'Allah! Desejo apenas que determineis o dia e a hora em que deverei iniciar as lições.*

(...)

*Devo, desde já, advertir-te de uma particularidade que não deixa de ter importância no caso. Minha filha vive encerrada no harém e jamais foi vista por homem algum estranho à nossa família. **Só poderá, portanto, ouvir as tuas aulas de Matemática oculta por um espesso reposteiro com o rosto coberto por um haic e vigiada por duas escravas de confiança.** Aceitas, ainda assim, minha proposta?*

- *Aceito-a com viva satisfação* – respondeu Beremiz. – *É evidente que o recato e o pudor de uma jovem valem mais que os cálculos e as fórmulas algébricas. Platão, filósofo, mandou colocar à porta de sua escola a seguinte legenda: “Não entre, se não é geômetra.” Apresentou-se um dia um jovem de costumes libertinos e mostrou desejo de frequentar a Academia. O Mestre, porém, não o admitiu, dizendo: “A Geometria é toda pureza e simplicidade. O teu despudor ofende tão pura ciência.” O célebre discípulo de Sócrates procurava, desse modo, demonstrar que a Matemática não se harmonizava com a depravação e com as torpes indignidades dos espíritos imorais. Serão, pois, encantadoras as lições dadas a essa jovem que não conheço e cujo rosto mimoso jamais terei a ventura de admirar. Se Allah quiser, poderei iniciar amanhã as aulas.* (TAHAN, 2009, p. 63 – 64)<sup>35</sup>

Como explicitado acima, Beremiz é “desafiado” a ensinar matemática para a jovem sem que haja contato visual. Na sociedade descrita pelo autor, é possível identificar, quando diz que uma mulher irá aprender matemática, uma posição de diferença em relação às demais personagens. Ao citar a incompatibilidade do cérebro feminino com as noções mais simples da matemática, por mais que leitores estejam “conscientes” de se tratar de uma obra fictícia, o sentido de determinada aptidão é atribuído ao feminino.

Desse trecho do livro observamos quatro momentos/situações da mulher em face da matemática. Primeiro: momento em que há resistência em ensinar matemática a uma mulher; segundo: momento em que Beremiz aceita o “desafio” de ensinar matemática à jovem Tessalim; terceiro: momento em que Beremiz é avisado do recato necessário da jovem nas aulas que lhe serão

---

<sup>35</sup> Grifo meu.

ministradas; quarto: Momento em que Beremiz assente com o pai da jovem em ensiná-la matemática mesmo que oculta por uma cortina e com o corpo coberto.

No primeiro momento – o da resistência – são feitas comparações entre o fato de uma mulher aprender matemática com situações aparentemente impossíveis. A comparação com aquilo que é considerado “não natural” aos animais como ensinar canto a uma girafa ou a possibilidade de uma baleia dirigir-se a Meca com o fato de ensinar matemática a uma mulher, leva-nos a (re)pensar o próprio conceito de natureza. Latour ressalta que no campo científico “quem tem a natureza vence, não importando suas desvantagens” (LATOURE, 2000, p. 156). Essa crítica latouriana de que a natureza “vence” é comparável com a crítica da verdade absoluta de Foucault, herdada de Nietzsche (que só existe enquanto vontade de verdade). Nesse cenário, nesse trecho da obra, reafirma-se a ideia latouriana da natureza como algo puramente externo aos constructos sociais, como algo incólume que sempre existiu, pois a natureza é colocada em uma posição elevada e indiscutivelmente intacta, tornando indiscutível também o argumento de quem a utiliza como premissa. Valer-se de um discurso em que a natureza serve como um mecanismo sustentador do argumento, por exemplo, comparar a “incompatibilidade do cérebro feminino com as noções de cálculo e geometria” a algo dissociado da “natureza” de um animal dito irracional, atribui um déficit natural, externo às relações sociais e de poder, da mulher com a matemática.

É com esse tipo de atitude – utilizar a natureza como premissa de um argumento – que se sustenta uma verdade instituída acerca da mulher com a matemática. Esse enunciado está ali, já dito, e passa a ser representado enquanto há uma busca por atribuir destrezas na relação dicotômica sexo/gênero, enquanto há vontade de impor características a sujeitos que passam a representar, no caso, a mulher.

Mais adiante, no segundo momento, percebemos a atitude de Beremiz Samir diante do “desafio” de ensinar matemática a uma jovem mulher. Beremiz critica filósofos que julgam a capacidade intelectual da mulher, e, sustentando seu argumento, afirma que “*A inteligência feminina quando bem orientada, pode acolher, com incomparável perfeição as belezas e os segredos da ciência!*”. Analisando essa frase, ela nos remete a ideia de que a mulher, para aprender, necessita de uma boa orientação, confrontando, pois, com a ideia masculina do saber nato do homem. Beremiz ameniza o preconceito demonstrado

quando são feitas as comparações entre a mulher e coisas ditas impossíveis a determinados animais, porém, lança outra questão: a questão da menina que é bem orientada para aprender a matemática. Walkerdine (1995) trabalha esse sistema no qual somente a menina/mulher obediente em relação à matemática obtém sucesso nessa disciplina:

Em suma, as garotas eram acusadas de irem bem porque trabalhavam muito, seguiam regras, comportavam-se bem. Indicadores disso eram sua atitude de obediência e o comportamento em sala de aula. (...) Os garotos, por outro lado, podiam se sair mal, mas seu comportamento era lido como ativo, lúdico, tudo estava bem com o mundo.

(...) Estou tentando mostrar, assim, porque esta explicação tem sido infligida às mulheres (assim como a designação “esforçada” foi infligida a mim) e como acabamos aceitando isso, acreditando que nós podemos ser boas operárias, boas secretárias, assistentes de pesquisa, mas nunca grandes pensadoras ou gênios. Estou afirmando, portanto, que o problema não está na essência da feminilidade, mas na forma pela qual estas ficções, medos e fantasias foram introduzidas nas histórias contadas sobre garotas e mulheres e na forma pela qual elas foram utilizadas para nos regular. (WALKERDINE, 1995, p. 214-215)

Ao enunciar que a mulher bem orientada pode aprender matemática e qualquer ciência, Malba Tahan toma por base que tal orientação seja dada por um homem, naturalmente dotado do saber soberano. E fala, depois, que várias mulheres se destacaram na matemática no decorrer da história. Porém o que me pergunto é: será que essas mulheres que se destacaram na ciência, no discurso de Malba Tahan, também foram mulheres obedientes e bem orientadas? Será que seriam mulheres que foram “bem orientadas” por homens? Quando exemplifica citando Hipátia de Alexandria<sup>36</sup>, diz que ela lecionou a ciência do cálculo a centenas de pessoas; será que esse “lecionar” não é muito mais relativo à mulher cuidadora que a uma mulher gênio, por exemplo? Não é de admirar que, de fato, o papel desempenhado por Hipátia é “ensinar”, lecionar, pois, na própria história da mulher, o papel de cuidadora, compatibilizava-se com a profissão de professora.

Louro (2001) trabalha essa questão do “gênero da docência”, ou *feminização do magistério*, resgatando a transformação das escolas em que o “magistério toma de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc, para que possa ser reconhecido como uma profissão conveniente” (LOURO, 2001, p. 96). Quando se refere a Hipátia uma figura da categoria mulher, dizendo que ela lecionava, há aí uma representação na relação mulher-matemática como o gênero da docência.

---

<sup>36</sup> Não entrarei em detalhes sobre a biografia dessa figura, apenas analisarei o que a obra diz a seu respeito.

Já no terceiro momento, Beremiz é avisado sobre o recato da jovem mulher: ela teria de ser ensinada oculta por um “espesso reposteiro”, com o rosto também coberto e vigiada por duas escravas. Tal recato delinea uma relação de poder sobre o corpo da mulher. Aqui não se trata da mulher ocidental ou oriental como invenção do ocidente. Pelo fato de o texto de Malba Tahan ser repleto de expressões islâmicas, podemos conjecturar que o corpo coberto é imposição de doutrinas religiosas. Contudo, trazendo o discurso desta obra para o agora, o agora que pertence à cultura ocidental, o agora escrito por um ocidental e lido por uma ocidental abarcada de preconceitos culturais, há uma visão de que a mulher é tolhida quanto aos seus atos e subjugada por alguém. Nós ocidentais sentimo-nos afrontadas/os com a condição da mulher do oriente por julgá-la submissa, omissa e dependente em virtude da nossa condição de ocidentais. Para Nalli,

Não é o Oriente que encanta e perturba, mas ao ser afrontado nos limites que o separam do Oriente, é o Ocidente que se encanta e se perturba com o Oriente, na medida em que este assinala para sua impossibilidade de pensar, fazer ou ser. O Oriente é o limite de seu sistema de pensamento. (NALLI, 2013, p. 198)

Em relação ao recato do corpo da mulher, fazendo uma analogia com o que Foucault retratou na história da violência nas prisões, na qual o autor se refere ao aprisionamento do corpo, ou seja, que este “é colocado num sistema de coação e privação, de obrigações e interdições” (FOUCAULT, 1987, p. 15), o corpo da mulher é posto em uma mesma situação, mas, em vez de o recato estar relacionado à punição, está relacionado ao pudor vinculado à disciplina. Vale lembrar, no entanto, que do meu ponto de vista ocidental, do qual, pela imanência de seu constructo, sinto que sou incapaz de dissociar-me, o recato e o pudor esclarecidos na personagem são mecanismos de poder, que agem sobre a mulher, atribuídos por uma sociedade que, nos dizeres de Bauman (1998), preza por um sistema ordenado, com cada coisa no seu devido lugar. É conjecturável que haja sociedades, apartadas de pensamentos ocidentais ou orientais, que não se prendem a essas dicotomizações, que vejam isso que nomeamos de recato, pudor, como um comportamento banalizado. Enfim, que seja visto como algo apropriado, não gerando desconfiança. Mas o recato e o pudor exercido sobre a mulher, em nossa sociedade, historicamente já foi visto como algo “natural”, e é por esse motivo que questionamos tais mecanismos.

Voltando ao discurso do livro, observo neste capítulo uma relutância dos personagens identificados como masculinos em aceitar que uma mulher ganhe algum espaço no meio científico. Levando em consideração o estilo literário e a data em que a obra foi criada, as representações de gênero e a tentativa de traçar uma identidade são explícitas nesse trecho. Notemos que Beremiz, o calculista, contrapõe-se a opinião da maioria com a seguinte frase: *“Erram duplamente os filósofos quando julgam medir com unidades negativas a capacidade intelectual da mulher. A inteligência feminina quando bem orientada, pode acolher, com incomparável perfeição as belezas e os segredos da ciência!”*.

Primeiro o personagem Beremiz cita o erro dos filósofos quando julgam a capacidade intelectual da mulher; logo após enuncia que a mulher “quando bem orientada” acolhe com perfeição os segredos da Ciência. Tendo em vista que é Beremiz Samir – personagem o qual somos levadas/os a crer que é homem – quem calculava e que irá orientá-la, há nesse trecho uma sobreposição masculina. À luz de Valery Walkerdine (2007), aos olhos da sociedade, a menina/mulher diante da “obtenção de sucesso na aprendizagem” da matemática é tida como esforçada. Portanto, as palavras de Malba Tahan dadas ao seu personagem central – “a inteligência feminina quando bem orientada” – implicitamente suscitam que a inteligência feminina quando bem orientada surte um efeito de esforço por parte da mulher. Nessa enunciação, a representação do gênero se faz presente como função normativa de uma linguagem que revela ou distorce o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (BUTLER, 2003).

Quando é comunicado à Beremiz que terá de ensinar matemática para a jovem oculta por trás de um reposteiro, o personagem aceita prontamente alegando que o pudor de uma jovem vale mais que cálculos e fórmulas. Nesse ponto tenho duas considerações a fazer: o aprisionamento da jovem e a comparação entre o pudor de uma mulher e a matemática. Uma forma de preservar o corpo de uma jovem ocultando-a através de uma cortina (re)afirma a inclinação da obra em relação à disciplina. Vale ressaltar alguns mecanismos de poder presentes neste excerto para a preservação da jovem: a vigilância realizada por duas escravas; o reposteiro; o rosto coberto por um haic. Nota-se que tais mecanismos agem sobre o corpo da jovem, ou seja, há um domínio sobre o seu corpo que garante a disciplinarização. Vivemos em uma sociedade em que o corpo está preso no interior de poderes que lhe impõem limitações, obrigações ou proibições. O

corpo, como objeto e alvo de poder, se manipula, se modela, se treina, obedece, responde (FOUCAULT, 1987). O ocultamento do corpo pelo reposteiro (e do rosto por um haic) aliado à vigilância executada pelas escravas limita o comportamento da jovem e de Beremiz para com ela, pois são mecanismos que

permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Esse jogo de ocultamento do corpo é um mecanismo, exercido sobre Beremiz e Tessalim, que tem a função tática de negação ao desejo. Isso fica claro quando o pai de Tessalim informa a Beremiz que sua filha “vive encerrada no harém e jamais fora vista por homem algum estranho à família” (p. 65). Nesse caso, a disciplinarização por meio da negação, da proibição, delimita gestos e comportamentos, o que, pelo discurso, determina o que pode e o que não pode. Trata-se de um jogo de adestramento comportamental.

Depois, no capítulo X, há entre os personagens certa desconfiança quanto à relação entre o calculista e a jovem:

*- É esse, então o tal calculista? – observou, sublinhando as palavras com tom de menoscabo. Admira-me a tua boa-fé, meu caro lezid! Vais permitir que um mísero garopeiro se aproxime e dirija a palavra à nobre e encantadora Telassim? Não faltava mais nada! Por Allah! És muito ingênuo meu caro! (TAHAN, 2009, p. 68)*

Nesse trecho é possível observar um descontentamento com a aproximação de um garopeiro<sup>37</sup> a uma jovem e bela mulher. São notáveis, nesse sentido, a pudicícia e a repressão ao sexo feminino. Desse modo, a representação vai além do gênero, ela se estabelece no sentido político, de poder. Para Foucault, os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política por meio da proibição, da limitação, da regulamentação, do controle e evidentemente, no contexto do livro, da proteção dos indivíduos atrelados à determinada estrutura política.

Portanto, além de tachar a mulher (como vimos no capítulo IX) de um indivíduo inferior no que diz respeito à compreensão matemática, no capítulo X é estipulado um comportamento adequado não só da mulher, mas também dos

<sup>37</sup> Termo indiano cujo significado é encantador de serpentes.

homens em relação à mulher, sua aparência e posição social. São estabelecidas aí regras sociais de conduta, delimitando sujeitos.

## 5.2 SETE JOVENS E SEGREDOS PARA SER (UMA ESPOSA) FELIZ

Na primeira aula que Beremiz ministra à jovem Tessalim, ele lhe explica a importância dos números e das propriedades matemáticas como um todo. Ao iniciar a aula, faz uma prece que se encontra no início do Alcorão e cita frases de filósofos afirmando a importância da matemática, colocando-a como base para toda Ciência. Para ilustrar a importância da matemática, Beremiz cita a história de um rei que sonhou com sete jovens caminhando pelo deserto. Acometidas pela sede e pelo calor, as jovens param no meio do caminho e são surpreendidas por uma princesa que lhes traz água. A sede das jovens é saciada e elas prosseguem. Para a explicação desse sonho, o rei solicita a interpretação de um astrólogo.

*Ao despertar, impressionado com esse inexplicável sonho, determinou Asad-Abu-Carib viesse à sua presença um astrólogo famoso, chamado Sanib, e consultou-o sobre a significação daquela cena a que ele – rei poderoso e justo – assistira no mundo das Visões e Fantasias. Disse Sanib, o astrólogo: “Senhor! As sete jovens que caminhavam pela estrada eram as artes divinas e ciências humanas: a Pintura, a Música, a Escultura, a Arquitetura, a Retórica, a Dialética e a Filosofia. A princesa prestativa que as socorreu simbolizava a grande e Prodigiosa matemática.” “Sem o auxílio da Matemática – prosseguiu o sábio – as artes não podem progredir e todas as outras ciências perecem. (TAHAN, 2009, p. 83)*

Posteriormente o rei instala vários centros de estudo de matemática em seu país, e, como consequência disso, a prosperidade e a riqueza aumentam drasticamente. Analisando a partir da genealogia foucaultiana, temos aí dois fatores que se relacionam entre si produzindo sujeitos: o saber e o poder. Colocando o poder na posição de “um elemento capaz de explicar como se produzem saberes e como nos construímos na articulação entre ambos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 66), analisarei a questão das sete jovens sedentas e de uma princesa, esta inserida numa posição de poder.

O autor representa a pintura, a música, a escultura, a arquitetura, a retórica, a dialética e a filosofia por sete jovens sedentas que caminhavam num deserto. Em seu discurso é notável o doloroso fardo que essas jovens carregam ao viajar. Em seguida, representa a matemática por uma princesa que alivia a tensão dessas jovens. O fato de a matemática ser representada por uma princesa, mulher diferenciada em uma sociedade, já enaltece o aprendizado da matemática, enfatizando que é para poucas. Já as Ciências *Humanas*, representadas por jovens

sofridas, são colocadas como algo comum e compatível às mulheres. Mas por que justo a matemática seria representada por uma princesa enquanto as artes e as Ciências Humanas por mulheres desfavorecidas socialmente? Talvez, a matemática, como a Ciência do poder, como a coloca o autor, seja representada por uma princesa por esta ser almejada no universo masculino. Talvez a princesa seja representada como um objeto de poder e desejo, assim como a matemática. Já o fato de a obra colocar a matemática como sustentadora de outras Ciências dá-se porque

a matemática foi seguramente modelo para a maioria dos discursos científicos em seu esforço de alcançar o rigor formal e a demonstratividade; mas, para o historiador que interroga o devir efetivo das ciências, ela é um mau exemplo – um exemplo que não se poderia, de forma alguma, generalizar. (FOUCAULT, 2008, p. 216)

Não obstante esse pensamento representativo que coloca a matemática para poucas e poucos, no capítulo XVII a fama de Beremiz é exposta na história. Por desvendar tantos mistérios numéricos as credices e superstições populares o colocam como um mago, alguém que possui talentos divinos como adivinhação. Contudo, entre as inúmeras pessoas “que se consultavam” com Beremiz, algumas eram mulheres.

*Esbarrei, muitas vezes, com mulheres – ocultas por espessos véus – que vinham, tímidas, consultar o matemático sobre os números que deviam escrever no antebraço esquerdo para obter boa sorte, alegria e riqueza! Queriam conhecer os segredos que asseguram a baraka<sup>38</sup> para uma esposa feliz. (TAHAN, 2009, p. 126)*

A representação do feminino é formada por meio da linguagem e da interação social. O autor, no trecho acima, menciona três fatores que carregam consigo características de mulheres, ou ainda símbolos que constituem a mulher, que se intensificam graças ao contexto cultural enunciado na obra: primeiro, a segregação da mulher esboçada pelos espessos véus; depois, a timidez das mulheres diante do homem que calculava por quererem tratar de assuntos íntimos; e por último a busca pela felicidade matrimonial.

Ao tratar desses três fatores, não há a possibilidade de separá-los, pois a segregação, o pudor e o matrimônio estão entrelaçados e – por mais que o discurso da obra tenha características de costumes antigos – são típicos da sociedade burguesa descrita por Foucault em *A História da Sexualidade*: a vontade

<sup>38</sup> No livro o autor dá o significado de algumas palavras em notas de rodapé. Também organiza um glossário com palavras de origem islâmica ao final do livro. Malba Tahan coloca que “Bakara” significa “Boa sorte. Qualquer sortilégio aplicado no sentido de evitar a desgraça”.

de saber. As mulheres descritas por Malba Tahan são portadoras da beleza e da pureza, enquanto os homens são portadores da inteligência e exercem determinada dominação sobre as mulheres. Esse jogo entre homem e mulher, dominação-submissão, é marcado pelo pensamento moderno, representando a superioridade do primeiro elemento.

Essa “dominação”, esse poder exercido sobre a mulher, ocorre por meio do discurso do qual queremos nos apoderar. Tais relações de poder sobre a mulher não se encontram em posição de exterioridade em comparação a outras relações – como econômicas e políticas, por exemplo –, mas estão interligadas (FOUCAULT, 1999, p. 90).

### 5.3 LOUVADO SEJA ALLÁ QUE CRIOU A MULHER, O AMOR E A MATEMÁTICA

*Quando a aparatosa comitiva irrompeu pela rua, terraços e varandas encheram-se de curiosos. Mulheres, velhos e crianças admiravam, mudos e estarecidos, o maravilhoso espetáculo. (TAHAN, 2009, p. 175)*

A visita de um príncipe ao Beremiz Samir, acompanhado de uma comitiva de trinta cavaleiros, causou surpresa aos moradores de um bairro humilde (como a própria obra caracteriza o bairro). O autor suscita que terraços e varandas encheram-se de curiosos e, logo após, que mulheres, velhos e crianças admiravam o espetáculo. No cenário descrito pelo autor, homens não saíram para suas respectivas varandas. Quanto às pessoas presentes nesse enunciado, há o agrupamento de três faixas etárias e de gênero: mulheres, velhos e crianças. Para compreender o porquê dessa generalização colocamos em xeque novamente a questão do corpo. A classificação dos grupos de pessoas por gênero e faixa etária – mulheres, velhos e crianças – é historicamente destacada em razão da força física inferior dessas pessoas, característica que é evocada até mesmo em livros religiosos como a Bíblia e o Alcorão. Aí o corpo é colocado como instrumento de poder, remetendo-nos à noção foucaultiana de *bio-poder*. O corpo como instrumento de desenvolvimento no sistema capitalista, coloca o macho da espécie como peça fundamental (FOUCAULT, 1999). Do ponto de vista histórico do capitalismo, o trabalho braçal<sup>39</sup> desenvolvido por crianças, mulheres e velhos não tinha valor algum. No decorrer da história, principalmente nos períodos de Revolução Industrial,

<sup>39</sup> Trabalho que exige força física, rapidez e eficiência.

com a exploração de grupos de minorias que tivemos em nossa sociedade, surge a ideia da marginalização do trabalho infantil, da aposentadoria aos idosos e da mulher inserida no mercado de trabalho.

A separação, ou a espantosa ênfase dada na obra para o grupo constituído por mulheres, velhos e crianças, em princípio não a relacionamos com a matemática. Porém, se analisarmos o âmago da história da obra especificamente nesse trecho, percebemos que o grupo em questão ia às suas varandas para observar um fato insólito: um príncipe (mais uma vez essa figura diferenciada na sociedade aparece na obra, mas agora na figura masculina) visitando um homem dotado do saber matemático que residia num bairro humilde. O destaque dado na obra ao fato de que mulheres, velhos e crianças assistiram ao espetáculo denota um confronto de classes e relações de poder: o bairro humilde em que residia um detentor do saber (o calculista) atraiu uma figura poderosa (o príncipe), e pessoas não detentoras do poder nem do saber assistiram a esse evento.

A jovem “invisível”, como o próprio autor a coloca, invisível em decorrência de seu corpo oculto, é exposta nos capítulos finais como um alvo de desejo do calculista protagonista da obra. A mulher invisível, omitida em face das demais personagens, sobretudo da matemática, finalmente aparece, ganha o seu destaque na obra. Como? Sendo o alvo de desejo de um homem dito “detentor” do saber, o que ocorre quando é pedida em casamento. Beremiz rejeita riquezas materiais oferecidas por um rei depois de tantas situações-problema resolvidas, sugerindo que o pagamento seja casar com a jovem Tessalim. Mais que isso, o personagem coloca que se casasse com ela seria invejado por todos os muçumanos:

*Se é vosso desejo tornar-me, como disseste, invejado por todos os muçumanos, o meu pedido é o seguinte. Desejo casar-me com a jovem Telassim, filha do xeique Iezid Abul-Hamid. (TAHAN, 2009, p. 191)*

Temos aí duas colocações: a mulher como um alvo de desejo; o ego de Beremiz ao desejar ser invejado por “ter” de “casar-se” com uma jovem mulher filha de um xeique. Na primeira colocação podemos questionar o porquê de uma mulher oculta em um reposteiro seria alvo do desejo de um homem. No início, quando Beremiz “aceita” ensinar matemática a uma jovem, mesmo sem poder vê-la, ele afirma que o recato e o pudor da jovem valem mais que cálculos e fórmulas. A posição de inocência e pureza em que Tessalim é colocada na obra incita a erotização de uma mulher pura. Tal fenômeno é complexo, pois o aspecto da

sexualidade feminina e da sexualidade de uma jovem que transmite pureza é um corruptor de um estado de inocência (WALKERDINE, 1998).

Na segunda colocação, o fato de ter, querer exibir, ser invejado, remete-nos não necessariamente à intenção do macho de querer exibir a fêmea, uma vez que desse modo estaríamos afirmando uma ideia de submissão feminina, mas sim ao comportamento sexual que Foucault coloca como um papel “intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e exercer, assim, a sua superioridade” (FOUCAULT, 1998, p.190).

Depois de Beremiz valer-se de seu saber pela derradeira vez na história de Malba Tahan, desvendando o último problema – o da cor dos olhos das escravas –, é compensado com o poder, o poder de casar-se com sua aluna. O autor encerra esse episódio com a frase: “*Louvado seja Alá, que criou a Mulher, o Amor e a Matemática*” (TAHAN, 2009, p. 238). Ao analisar essas articulações entre saber e poder, aos olhos de Foucault percebemos que os saberes se engendram e se organizam para atender uma vontade de poder (VEIGA-NETO, 2007). Quando o autor relaciona uma crença religiosa a um alvo de desejo – a mulher – e a um mecanismo de saber – a matemática –, é descrita uma personalidade acatada por valores morais religiosos vinculados ao desejo e ao saber. A aparição da mulher na obra de Malba Tahan, com suas diversas representações, torna a obra, sobretudo um romance.

## 6 (IN)CONCLUSÕES ACERCA DA RELAÇÃO MULHER-MATEMÁTICA

Durante o desenvolver deste trabalho procurei a relação mulher-matemática presente em um discurso literário. Procurei representações de mulher em face da matemática numa obra específica. Arriscaria dizer que se começasse este trabalho “tudo de novo” as (in)conclusões seriam diferentes daquelas a que cheguei, pois por mais que um livro pareça sólido, seu discurso estará sempre sujeito à transitoriedade ou à liquidez<sup>40</sup>. O discurso sobre a mulher está sujeito a mudança a partir do momento que ela não é compreendida como um indivíduo externo ao discurso. E, da mesma forma, o discurso sobre a matemática está sujeito a mudança quando essa disciplina não é compreendida como uma ciência externa ao discurso.

Tudo é discurso, diria, numa perspectiva construcionista radical (HESS, 1997). Inclusive as coisas, que pela vontade, inventamos e classificamos. Apesar de esta pesquisa tender aos pensamentos foucaultianos, butlerianos, feministas, muito pensei no decorrer do trabalho sobre questões latourianas debatidas no grupo de estudos ministrado pelo prof. Dr. Moisés A. de Oliveira. Assim como discutimos sobre o que é a realidade, ou se os micróbios existiam antes de Pasteur<sup>41</sup>, hoje me pergunto se a matemática existiria se pensadores não a tivessem sistematizado. Latour menciona a busca inatingível pela homogeneidade científica, unificando as diferentes visões do pensamento científico. Coloca que a globalização é uma tentativa de unificar tais pensamentos; contudo, uma vez que a cultura é regionalista e se constitui nas relações, constantemente mutáveis, a homogeneidade científica é ilusória, portanto inatingível. A realidade, então, dá-se por uma crença, a qual busca enxergar a Ciência num mundo externo, porém invadido pelo mundo social. Essa crença compara-se à vontade de verdade discutida por Nietzsche.

Tendo em vista essa busca científica por uma realidade única, penso no constructo do que entendemos por matemática, hoje. Penso também se a mulher, como a conhecemos atualmente, existia antes das feministas. E, ainda mais além, penso se a relação entre a mulher e a matemática existia antes de Walkerdine

---

<sup>40</sup> Termo utilizado por Bauman para representar a precariedade em que vivemos ou a condição de incerteza constante em que vivemos.

<sup>41</sup> Discussões presentes no primeiro capítulo do livro *Esperança de Pandora*, de Bruno Latour.

e outras/os pensadoras/es direcionarem seus estudos para esse tema. Trata-se de um constructo mutante, de relações de poderes das quais nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1999).

Precisamos estar atentos para o caráter específico (e também transitório) do sistema de crenças com o qual operamos; precisamos nos dar conta de que os corpos vem sendo “lidos” ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas, de que o modo como a distinção masculino/feminino vem sendo entendida diverge e se modifica histórica e culturalmente. (LOURO, 2008, p. 76)

Trabalhar com essa transitoriedade na pesquisa foi uma tarefa quase impossível para mim como pesquisadora (e graduada em matemática). Em nossa cultura não somos treinadas/os para conviver com o instável, sobretudo aquelas/es que procuram a racionalidade aliada a segurança numa área que se chama Ciências Exatas. Foi preciso lançar-me numa perspectiva, corromper estruturas de pensamentos e até mesmo ideais, consentir que vivemos na transitoriedade, tudo isso numa área que sempre nos prometeu verdades duráveis.

Sobre a pessoa inserida na categoria mulher presente na obra, espero ter dado voz àquela que foi silenciada diante da matemática no discurso tahananiano, e sem a intenção de um caráter pretensioso, espero ter provocado desconforto quanto àquilo que tantas vezes foi aceito como algo natural.

A partir das análises produzidas no decorrer do trabalho, tanto na experiência de si do autor Malba Tahan quanto no discurso literário, percebeu-se como no senso comum se constroem as representações de gênero da mulher em face da matemática. Há pontos na análise desse discurso em que as “mentes das mulheres” são opostas às Ciências duras e à matemática.

Finalizando, resta dizer que busquei apresentar, a partir da obra *O Homem que Calculava*, alguns mecanismos de poder presentes no discurso que age na produção de um tipo particular de mulher, ditando comportamentos cujas maiores possibilidades de subversão cabem aos movimentos feministas, culturais e populares. A produção de mulheres diante da matemática, ou ainda a produção de mulheres-matemáticas, se (re)significa, se recicla, se modifica, se refaz, a partir do discurso nas mais diferentes maquinarias, nos mais diferentes objetos. Por isso, a literatura-matemática vulgar deve ser entendida também como uma poderosa força pedagógica de constituição da mulher, pois, massivamente presente, produz formas específicas de significação. De resto, trata-se de uma forma específica de educação.

No Ensino de Ciências e Educação Matemática vivemos um período em que os estudos de gênero estão começando a “aparecer”. Especificamente na Educação Matemática, vejo-a como uma área a ser desenvolvida, pois, além de por séculos a mulher ter sido silenciada perante a Ciência, há ainda uma omissão de estudos relacionados a essa questão, inclusive no Brasil<sup>42</sup>. O livro *O Homem que Calculava* com suas inúmeras curiosidades matemáticas, vem sendo explorado nas escolas como um material paradidático, e também é notável sua utilização na formação de professores de matemática. Para uma sociedade – a da Educação Matemática – que tem esquadrinhado e divulgado a obra em questão, penso que o tema “gênero” seria propício a ser trabalhado juntamente às questões matemáticas, (des)construindo, (re)significando e restaurando as representações de gênero na relação mulher-matemática.

---

<sup>42</sup> Alguns trabalhos já dão mostra desse *déficit* de exploração do tema “gênero” na Educação Matemática, um deles é o da pesquisadora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (2008), no qual ela faz um levantamento de pesquisas nesse âmbito.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas (UNICAMP)*, v. 3, p. 1-24, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1998.
- BUTLER, Judith. *Lenguaje, Poder e Identidad*. Editorial Síntesis, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Mecanismos Psíquicos del Poder: teorías sobre la sujeción*. Ediciones Cátedra, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Género: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CHASSOT, Attico. *A Ciência é masculina? É, sim senhora!* 5. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em Discurso: mídia e produção de subjetividade*. 1996. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- \_\_\_\_\_. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa* n.114: p.197-223.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e Literatura: conferência inédita*. Trad. Roberto Machado. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 137-174.
- \_\_\_\_\_. *O que é um autor*. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.
- \_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: História das violências nas prisões*. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. (1982a) O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. (Orgs) *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HESS, David. *Science Studies: an advanced introduction*. New York/London: New York University Press, 1997.

KNIJNIK, Gelsa. *Exclusão e Resistência – Educação Matemática e Legitimidade Cultural*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Tecnologia do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org) *O sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 35-86.

LATOUR, Bruno. *Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: editora UNESP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. v. 01. 179 p.

\_\_\_\_\_. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

\_\_\_\_\_. *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NALLI, Marcos. O quimono e o turbante: o Oriente em Michel Foucault. In: NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina Vargas (Orgs). *Michel Foucault em múltiplas perspectivas*. Londrina: Eduel, 2013.

OLIVEIRA, Cristiane Coppe de. *Do Menino “Julinho” à “Malba Tahan”*: uma viagem pelo oásis do ensino da matemática. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática)- UNESP, Rio Claro. 2001.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, João Bôsko Cabral dos. Papnótico da Discursividade Literária. In: FERNANDES, Claudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES-JÚNIOR, José Antônio. (Orgs.). *Análise do Discurso na Literatura: rios turvos de margens infinitas*. 1ª ed. São Carlos – SP: Claraluz, 2009, v. 1, p.160 – 175.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Cláudio Henrique. Virtudes e vícios em Aristóteles e Tomás de Aquino: oposição e prudência. *Campinas: Boletim do CPA*. 1998;5/6:129-40. Disponível em < <http://www.ifch.unicamp.br/cpa/boletim/boletim05/08silva.pdf> >

SILVA, Marcio Antonio da. Contribuições Contemporâneas para as Discussões Curriculares em Educação Matemática: a teoria crítica pós-moderna. *Alexandria*. UFSC, v. 6, p. 205-233, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria Cultural e Educação* – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. *Documentos de identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. *A produção social da identidade e da diferença*. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. *Gênero e Matemática(s): jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunos e alunas da Educação de Pessoas Jovens e Adultas*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TAHAN, Malba. *O Homem que Calculava*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 7-24, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. A cultura popular e a erotização das garotinhas. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 75-88, jul./dez. 1998.

\_\_\_\_\_. O raciocínio em tempos pós-modernos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos Culturais da Ciência & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 136p.